

INSTITUTO POLITÉCNICO DE BEJA

Escola Superior de Educação de Beja

Mestrado em Educação e Cuidados na Primeira Infância

O Processo de Adaptação à Creche

Alexandra Isabel Rita de Brito Grazina

Beja

2014

INSTITUTO POLITÉCNICO DE BEJA

Escola Superior de Educação de Beja

Mestrado em Educação e Cuidados na Primeira Infância

O Processo de Adaptação à Creche

Dissertação de mestrado apresentada na

Escola Superior de Educação de Beja do Instituto Politécnico de Beja

Elaborado por:

Alexandra Isabel Rita de Brito Grazina

Orientado por:

Mestre Especialista Maria do Céu Lopes da Silva André

Beja

2014

Resumo

O presente estudo aborda o tema da adaptação à creche e tem como principal objetivo conhecer como decorre este processo, numa IPSS da cidade de Beja.

Nesta investigação auscultaram-se educadores e famílias relativamente à temática.

Trata-se de um projeto de investigação ação, no qual será utilizada uma metodologia fundamentalmente de natureza qualitativa.

A partir dos resultados obtidos, através dos questionários aos pais e educadores podemos considerar de extrema importância o fortalecimento da relação existente entre os pais, a educadora e a instituição, sendo necessário desenvolver um trabalho em parceria.

A partir desta identificação de necessidades foi traçado um projeto de intervenção que será desenvolvido através da realização de um programa de enriquecimento interpessoal dirigido aos pais, às educadoras e à coordenadora da instituição, de forma a facilitar o processo de adaptação de todos os intervenientes.

Palavras-chave: adaptação, creche, parceria, enriquecimento interpessoal

Abstract

The present study addresses the issue of adaptation to day care center and aims to know how this is happening , in a IPSS in the city of Beja .

In this research, opinions were taken from educators and families in relation to the theme.

This is an action research project in which a methodology fundamentally qualitative in nature will be used.

From the results obtained through questionnaires to parents and educators it is of utmost importance, strengthen the relationship between the parents , the teacher and the institution , to develop a working partnership.

From this identification of needs was outlined an intervention project which will be developed by conducting a program of interpersonal enrichment directed to parents, educators and the coordinator of the institution, in order to facilitate the adaptation process of all stakeholders.

Keywords: adaptation, childcare, partnership, interpersonal enrichment

Agradecimentos

À minha orientadora,
Mestre Céu André,
pela forma como me incentivou,
pelo apoio que sempre me deu,
pela paciência e constante disponibilidade.

A todos os professores que lecionaram este mestrado,
pelos conhecimentos e experiências únicas
que me proporcionaram.

À minha mãe,
por me apoiar e incentivar incondicionalmente,
por se mostrar sempre disponível em ficar com o meu filho,
nunca me deixando desistir.

Ao meu marido,
por toda a sua compreensão e ajuda,
por me apoiar sempre durante esta etapa,
pelos incentivos e conselhos.

Índice Geral

Resumo	i
Abstract	ii
Agradecimentos	iii
Índice Geral	iv
Índice de Gráficos	v
Índice de Quadros	vi
Introdução	1
Parte I - Enquadramento Teórico	3
Capítulo 1 – A criança na 1ª infância	3
1.1. Desenvolvimento global da criança na primeira infância	3
1.2. Vinculação e Apego no processo de adaptação à creche.....	5
Capítulo 2 – A família e a promoção do desenvolvimento da criança	7
2.1. A importância da família	7
2.2. Situações problemáticas na parentalidade	8
Capítulo 3 – A criança na creche	9
3.1. A creche nos dias de hoje	9
3.2. Qualidade na Creche	11
3.3. O Educador na creche	15

Capítulo 4 – O Processo de Adaptação à Creche	18
4.1. A adaptação e seus intervenientes.....	18
4.2. Estratégias facilitadoras no processo de adaptação	20
 Parte II – Estudo Empírico	24
Capítulo 5 – Metodologia	24
5.1. Metodologia utilizada	24
5.2. Formulação do objeto de estudo	25
5.3. Participantes no estudo	26
5.3.1. Caracterização dos participantes	26
5.4. Instrumentos e método de recolha e análise de dados	30
5.4.1. Procedimento	30
5.4.2. Questionário aos pais	31
5.4.3. Questionário às educadoras	31
5.4.4. Tratamento dos dados	32
5.5. Apresentação e análise dos dados	32
5.5.1. Resultados dos questionários aplicados aos pais	33
5.5.2. Resultados dos questionários aplicados às educadoras	41
 Capítulo 6 – Análise de necessidades	49
6.1. Análise de necessidades	49

Parte III – Proposta de Intervenção	51
Capítulo 7 – Fundamentação e Desenvolvimento da Proposta de Intervenção	51
7.1. Fundamentação e objetivos gerais da proposta de intervenção	51
7.2. Projeto de Intervenção	52
7.3. Programa de enriquecimento interpessoal educadoras/ pais/ coordenadora	52
7.3.1. População – alvo	52
7.3.2. Constituição do grupo	52
7.3.3. Duração do programa	53
7.3.4. Objetivos gerais das sessões	53
7.3.5. Planificação das sessões	53
7.3.6. Avaliação das sessões	56
Considerações Gerais	57
Referências Bibliográficas	59
Referências Webgráficas	63
Apêndices	64
Apêndice I – Questionário aplicado aos pais	65
Apêndice II – Questionário aplicado às educadoras	71
Apêndice III – Grelha de avaliação do programa de enriquecimento interpessoal	76

Índice de Gráficos

Gráfico 1 - Caracterização dos participantes em função da variável género	26
Gráfico 2 - Caracterização dos participantes em função da variável idade	27
Gráfico 3 - Caracterização dos participantes em função das variáveis género e idade	27
Gráfico 4 - Caracterização dos participantes em função da variável habilitações literárias.....	28
Gráfico 5 - Caracterização dos participantes em função da variável número de filhos	28
Gráfico 6 - Caracterização dos participantes em função da variável número de filhos na creche	29
Gráfico 7 - Caracterização dos participantes em função da variável tempo de frequência na creche	29
Gráfico 8 - Comportamentos da criança, nos primeiros dias de adaptação à creche	33
Gráfico 9 - Estratégias utilizadas com mais frequência pela Educadora	35
Gráfico 10 - Comportamento da Educadora durante o momento do acolhimento	35
Gráfico 11 - Comunicação entre a equipa educativa e os pais / família	36
Gráfico 12 - Participação ativa no período de adaptação da criança	37
Gráfico 13 - Ações desenvolvidas para incentivar a participação dos pais	37
Gráfico 14 - A creche e o acolhimento às famílias	38
Gráfico 15 - O papel da educadora no momento da chegada e partida da criança	39
Gráfico 16 - Expetativas dos pais relativamente à adaptação	39

Índice de Quadros

Quadro I – Comentários e sugestões dos pais referentes ao período de adaptação	40
Quadro II – Utilização de estratégias facilitadoras no processo de adaptação	43
Quadro III – Estratégias de articulação com as famílias	45
Quadro IV – Fatores que podem influenciar a adaptação	47

Introdução

Enquanto profissional de educação tenho vindo a acompanhar alguns grupos de crianças e pais no processo de adaptação à creche.

A complexidade de algumas situações vivenciadas e as dificuldades sentidas na sua resolução constituíram a base do interesse por esta temática.

Considerando a importância deste período para as crianças, para as famílias e para os educadores, o presente trabalho de investigação pretende conhecer como decorre o processo de adaptação da criança num contexto de creche de uma IPSS da cidade de Beja, de forma a colmatar as lacunas existentes e possibilitar à criança uma adaptação harmoniosa.

O conhecimento da realidade de todos os intervenientes deste processo de adaptação deverá conduzir à melhoria das suas competências e assim, proporcionar à criança momentos de tranquilidade, segurança e equilíbrio.

No decorrer desta investigação foram aplicados questionários aos pais/ mães das crianças que frequentam a valência da creche de uma IPSS e às educadoras que exercem nessa valência.

Através da aplicação dos questionários pretendemos conhecer a situação real, isto é, saber que estratégias são utilizadas pelas educadoras, de forma a facilitar este processo, que tipo de estratégias existem em articulação com as famílias e que fatores podem influenciar a adaptação.

No que se refere aos pais / mães pretendemos conhecer a sua opinião acerca deste período, as suas expectativas em relação à creche, bem como os seus comentários e sugestões relativamente ao período de adaptação.

Após confrontar a situação real com a opinião de diversos autores, surgiram algumas fragilidades que condicionam o processo de adaptação.

O plano de ação delineado visa colmatar as necessidades encontradas, de forma a facilitar a adaptação da criança e de todos os intervenientes, no contexto de creche.

O presente trabalho encontra-se dividido em três partes: o enquadramento teórico que fundamenta o estudo realizado, o estudo empírico e a proposta de um projeto de intervenção.

Assim, o capítulo 1 aborda a criança na primeira infância, mais concretamente o seu desenvolvimento global, a vinculação e apego no processo de adaptação à creche.

A importância da família e as situações problemáticas na parentalidade são pontos focados no capítulo 2.

No capítulo 3 a temática é a criança na creche e são abordados os seguintes pontos: a creche nos dias de hoje, a qualidade na creche e o educador na creche.

O capítulo 4 retrata o processo de adaptação na creche, deste capítulo fazem parte os seguintes pontos: a adaptação e seus intervenientes e as estratégias facilitadoras no processo de adaptação.

No capítulo 5 encontra-se a metodologia de investigação utilizada, os objetivos da presente investigação, a caracterização dos participantes, os instrumentos aplicados, o método de recolha e por último a apresentação e análise dos resultados. O capítulo 6 apresenta a análise de necessidades tendo em conta a situação real e a situação ideal.

No último capítulo é apresentado um projeto de intervenção que visa colmatar as necessidades detetadas, neste projeto apresenta-se um programa de enriquecimento interpessoal destinado aos pais, educadoras e coordenação da instituição. Por último e ainda neste capítulo são apresentadas as considerações emergentes deste trabalho de investigação.

Parte I – Enquadramento Teórico

Capítulo 1 – A Criança na Primeira Infância

1.1. Desenvolvimento global da criança na primeira infância

No primeiro período de vida, o desenvolvimento da criança, em todos os seus aspetos, pode considerar-se extraordinário. Em pouco mais de ano e meio, a criança aprende mais que no resto da sua vida. Num par de anos, dá-se um gigantesco salto, pois a criança passa de um nível de baixa atividade para outro que lhe permite correr, falar, comer sozinha, rir e muitas coisas mais. Conseguir fazer estas coisas, que aparentemente são tão fáceis, custa à criança muito tempo e esforços.

O mundo das crianças pequenas é um lugar qualitativamente diferente do mundo das crianças mais velhas ou dos adultos.

Nos primeiros anos, tudo está dominado pelos sentidos, a criança aprende através das mãos, dos olhos e dos ouvidos. Aprende com o corpo muito antes de o fazer com a mente. A informação recolhida no decurso destas aprendizagens proporciona à criança os elementos para uma posterior compreensão lógica do mundo.

De acordo com Evans e Ilfield (1982) cit. por Post e Hohmann (2003) as experiências do dia a dia das crianças são matérias primas do seu crescimento. Os estímulos sensoriais recebidos através da visão, da audição, do olfato e do tato são vitais para o início do desenvolvimento cognitivo, o bebé reage perante as cores, os sons, o movimento, os sabores, os odores...

Segundo Post e Hohmann (2003) a mobilidade crescente traz novas experiências de aprendizagem. Quando os bebés aprendem a sentar-se sem ajuda, percebem que têm maior liberdade para ver o que os rodeia, viram-se, rodopiam, alcançam, curvam-se e agitam ou atiram qualquer objeto. Nesta fase, as crianças gostam do equilíbrio, da posição direita, do ritmo, da liberdade de marcha, da corrida e da escalada até novas alturas.

Segundo Wallon (1979), o desenvolvimento da criança desde o nascimento até ao princípio da sua autonomia passa por diversas fases. Até começar a ter autonomia, a criança passa por uma série de fases de experimentação e desenvolvimento sensorial e motriz, durante os quais vai tomando contacto com o espaço, os objetos e as pessoas que se encontram à sua volta e começa a relacioná-las consigo mesma, através do seu próprio corpo.

Assim a mudança de um bebê dependente e dócil para uma criança voluntariosa e, por vezes, teimosa é bastante normal. As crianças têm necessidade de testar as novas noções de que são indivíduos, que têm um certo controlo sobre o seu mundo e que têm cada vez mais poderes. Não aceitam mais que outra pessoa decida o que ela vai fazer e em que momento, muito pelo contrário insistem em colocar as suas ideias em prática e em identificar as suas próprias preferências. A sua principal forma de testar o adulto é dizer “não” em cada oportunidade que surja, no entanto Erikson (1976) afirma que esse comportamento é normal e saudável.

É ainda importante referir que neste estágio, as brincadeiras ativas têm muita importância, pois permitem às crianças desenvolver a autonomia, dentro dos seus próprios limites.

Até desenvolver uma linguagem falada com sentido, o bebê utiliza uma comunicação não verbal para exprimir os seus sentimentos e desejos. Para além do choro, também utiliza, como forma de comunicação, uma linguagem corporal, através de expressões faciais e movimentos dos braços e das pernas. Nesta fase do desenvolvimento é imprescindível que o adulto compreenda essa linguagem corporal.

Le Boulch (1982) refere que a linguagem se faz a partir das diferentes formas de expressão e de comunicações mimo gestuais utilizadas pela criança para estabelecer relações com o ambiente humano.

O período linguístico instala-se entre os 12 e os 15 meses e é caracterizado pela utilização das primeiras palavras. A linguagem da criança pode causar-lhe problemas, dando a impressão de que a sua compreensão é maior do que na realidade é. A criança aprende palavras e usa-as com desenvoltura, no entanto não conhece ainda o seu significado. Compreender a linguagem para a criança é muito mais importante do que falar. Nesta fase, o adulto deve ouvir a criança e não corrigir a sua mensagem, uma vez que isso pode conduzir a um desinteresse da comunicação, até mesmo a um aborrecimento, o que de certa forma impede o desenvolvimento da linguagem.

As relações que a criança estabelece com os pais, outras crianças, familiares e educadores são cruciais para o seu desenvolvimento afetivo.

Durante os dois primeiros anos de vida, a criança aprende a amar o outro, a dependência afetiva substitui a dependência física inicial.

De acordo com Zabalza (1998:51) *“a emoção age, principalmente, ao nível da segurança da criança, sendo esta a plataforma sobre a qual se constroem todos os desenvolvimentos. Relacionado com a segurança está o prazer, o sentir-se amada, sendo*

capaz de assumir riscos e conseguir enfrentar o grande desafio que é a autonomia, o que contribui para aceitar as relações sociais.”

O mesmo autor considera que a insegurança provoca medo e impede que a criança se desenvolva de forma equilibrada e harmoniosa. Na primeira infância, a criança constrói o conhecimento do mundo que a rodeia bem como o conhecimento social e emocional. A forma como vai adquirindo esses conhecimentos refletir-se-á na sua auto imagem bem como nas relações que virá a estabelecer com outras crianças e adultos.

Portugal (1998:23) afirma que *” as trocas, interações e ligações particulares com os outros, nomeadamente as figuras maternas são fundamentais para o desenvolvimento sensório motor, representação simbólica, linguagem e pensamento. Quando a criança aprende a verbalizar os seus sentimentos e a escutar o outro inconscientemente está a desenvolver capacidades para enfrentar situações de conflito, ou seja, ganha defesas que permitem respeitar e aceitar pontos de vista diferentes do seu.*

De acordo com Marchão (2003) as primeiras etapas da vida da criança devem permitir uma estabilidade afetiva e uma facilitação de aprendizagens significativas, encaradas numa perspetiva continuada e sempre inacabada.

1.2. Vinculação e Apego no processo de adaptação à creche

Quando a criança cria laços afetivos mais fortes e intensos, chama-se vinculação. Esta vinculação vai dar à criança uma maior segurança e desenvolvimento, para ela a “meta” do sistema comportamental de apego é manter ou alcançar proximidade com figuras de apego, geralmente os pais.

De acordo com Rodd (1996) um bebé que fez pelo menos uma vinculação segura terá maior probabilidade de desenvolver relações seguras com as pessoas do seu mundo, os pais, familiares, adultos e pessoal educativo. Estas relações não são consideradas uma ameaça, sendo antes consideradas contributos para o seu desenvolvimento do sentido de confiança do bebé no mundo e nas pessoas que nele vivem.

Schaffer (1971) refere que há um certo consenso entre vários autores em caracterizar o apego como um conjunto de comportamentos, por meio dos quais o indivíduo inicia ou mantém uma relação afetiva estável, com um ou mais indivíduos do seu grupo social.

Brazelton (1988) afirma que o mais puro sinal de vinculação é a capacidade que a criança tem de enfrentar a separação. O que é imprescindível para a sua capacidade de agir por si mesma e de ganhar assim autonomia.

A partir de resultados de vários estudos, Fuentes (2004) concluiu que a segurança do apego depende da confluência de diferentes fatores. Estes podem situar-se na criança, no adulto ou no contexto social onde a criança está inserida.

De acordo com Rutter (1972) a vulnerabilidade da criança a diferentes graus de tensão bem como a sua disposição para reagir positiva ou negativamente contribuem para modular a sua resposta afetiva. Segundo o autor, isso não está relacionado apenas com as características próprias da criança, rotuladas com o temperamento. No entanto, Portugal (1998) refere que os comportamentos e sentimentos das crianças em larga medida se devem a fatores temperamentais.

O temperamento da criança influencia sem dúvida alguma, a sua personalidade e a forma como esta se relaciona com os outros, bem como a sua adaptação à creche.

De acordo com Fuentes (2004) os fatores situados no adulto estão relacionados com a relação que a criança estabelece com a mãe. A sensibilidade e responsividade da mãe aos sinais de comunicação da criança são determinantes na segurança com que esta enfrenta uma situação estranha ou um momento de separação. A sensibilidade e responsividade do adulto influencia o apego da criança à mãe, podendo este ser seguro ou ansioso.

Portugal (1998) defende que as relações interpessoais também denotam problemas comportamentais, como é o caso da depressão, ansiedade, medos, entre outros.

Os fatores situados no envolvimento também influenciam a segurança do apego, na medida em que o contexto familiar e social em que a criança é criada é fundamental no apego que esta manifesta. Assim, a experiência social da criança quando está inserida numa família extensa é muito diferente daquela em que é criada por uma família nuclear, que se relaciona muito pouco socialmente. Quando a criança vive numa família numerosa relaciona-se com muitos adultos e por norma desenvolve um apego seguro, o que raramente acontece quando a criança vive só com os pais e não tem qualquer tipo de relacionamento social.

Capítulo 2- A família e a promoção do desenvolvimento da criança

2.1. A importância da família

A família, em particular os pais têm um papel crucial no desenvolvimento integral e global da criança. Assim, a família é determinante na “construção” da personalidade da criança, uma vez que o ambiente familiar é fulcral.

Sendo a família o primeiro grupo social onde a criança se insere, esta contribui para a sua segurança a vários níveis: satisfaz as suas necessidades, protege-a, facilita o seu desenvolvimento para que este seja estável e harmonioso e favorece o seu crescimento num clima afetivo, seguro e positivo. Os pais são assim os primeiros grandes modelos de imitação, uma vez que são eles que impõem as primeiras regras e limitações no comportamento da criança.

De acordo com Sampaio (1994) não é fácil “inventar novos pais” capazes de interpretar todos os sinais emitidos pelos filhos. Segundo este autor, a educação é uma ciência e uma arte. Sendo necessário responder e enfrentar o dia a dia no decorrer da educação da criança; potenciando sempre os aspetos positivos. É fundamental educar os pais para que estes possam cumprir da melhor forma a sua missão de educadores.

Segundo Portugal (1990) o comportamento educativo familiar é muito complexo, há que ter em conta não só a variabilidade e complexidade na interação dos comportamentos mas também todos os contextos em que este se insere.

Oliveira em 2002 identifica quatro estilos educativos fundamentais: autoritativo / democrático, indulgente, autoritário e negligente.

Estes estilos educativos parentais podem ter implicações no comportamento da criança. Quando os pais são autoritativos, por norma as crianças são responsáveis, equilibradas emocionalmente, respeitadoras e tolerantes. As crianças cujos pais se identificam com o estilo indulgente lidam mal com a frustração e têm dificuldade em aceitar um não.

Quando a criança vive num ambiente familiar, onde predomina o estilo autoritário, tem dificuldade em expressar a sua opinião, sente-se oprimida, intolerante, sente falta de carinho, é pouco afetuosa com os outros, rígida e agressiva.

O estilo negligente leva a que as crianças sejam frias emocionalmente, inseguras, incapazes de mostrar afeto, desligadas, revoltadas, denotem falta de atenção por parte do adulto e tenham comportamentos para chamar a atenção.

2.2. Situações problemáticas na parentalidade

A própria parentalidade pode ser um fator de risco, tendo em conta os sentimentos que os pais experienciam enquanto pais; a alteração que têm de fazer na sua rotina diária, os projetos pessoais que têm de adiar, entre outras coisas, tudo isso pode levar à existência de algum risco.

De acordo com Portugal (1998) o papel parental é influenciado por diversos aspetos, tais como: o próprio indivíduo, as características individuais da criança e o contexto social, no qual está inserida. Sendo que neste contexto há que considerar as relações conjugais, as redes sociais e a profissão dos progenitores.

Após os resultados de vários estudos, Kotchick et al. (2004) citados por Silva (sd) mostram que os elevados níveis de conflito entre os pais e os filhos podem ser menos responsivos, menos consistentes em termos de regras denotando mais permissividade.

A monoparentalidade também é vista como uma problemática na parentalidade, uma vez que afeta o comportamento parental. Muitas vezes nesta situação, os pais sentem-se esgotados psicologicamente e fisicamente e demitem-se um pouco do seu papel, o mesmo sucede em famílias reconstruídas.

Os fatores que caracterizam a personalidade dos pais desempenham um papel crucial na qualidade das relações que se estabelecem e influenciam o comportamento da criança. Alguns pais denotam dificuldade na interação com os filhos, têm algum embaraço em demonstrar afeto e chegam mesmo a sentir rejeição ao tocar-lhes.

Pais com problemas emocionais são pais extremamente ansiosos, demonstram menos afeto, proferem comentários críticos e negativos em relação aos filhos, desencorajam-nos e estabelecem com eles uma vinculação pouco segura.

Os sintomas, bem como os sinais de alarme que os pais revelam devem ser valorizados porque estes não conseguem desempenhar adequadamente a sua função parental.

Capítulo 3- A criança na creche

3.1. A creche nos dias de hoje

No decorrer dos últimos anos com a emancipação da mulher no mundo do trabalho, verificou-se uma maior necessidade por parte das famílias em deixar os filhos nas creches.

Hoje em dia, as mães investem na sua formação, na sua carreira profissional, têm um papel ativo na sociedade. São mulheres, mães e donas de casa ao mesmo tempo, o que impossibilita que desempenhem o seu papel de mãe a tempo inteiro. Esta modificação da estrutura familiar contribuiu para que o número de creches aumentasse consideravelmente em todo o país, de forma a responder às necessidades das famílias.

É nesta perspetiva que surge a creche como resposta social e prolongamento da família, logo é muito mais do que um lugar onde são prestados cuidados à criança, é um lugar onde a relação sócio afetiva tem um papel determinante e é fulcral ajudar a criança a crescer harmoniosamente, pois os primeiros anos são decisivos para o seu desenvolvimento integral.

Assim a creche deverá oferecer à criança um ambiente de qualidade adequado ao seu desenvolvimento, proporcionando atividades/estratégias que possibilitem a exploração dos seus sentidos e estimulem a sua curiosidade, promovendo o desenvolvimento das suas aprendizagens.

Segundo Portugal (1998) em anos recentes tem-se assistido a uma grande controvérsia acerca da creche e dos efeitos que esta tem no desenvolvimento e bem-estar das crianças.

A estimulação cognitiva, sócio afetiva e física deve estar presente no dia-a-dia da creche através das atividades e das relações interpessoais que se desenvolvem com a criança. Como tal e de acordo com Granger (1976:41) *“um bom programa de creche tem de ir ao encontro das necessidades do grupo de crianças mas tem também de dar resposta às necessidades individuais de cada criança e de cada família.”*

Sobre o mesmo assunto, na opinião de Brazelton (1988:191) *“o que precisamos é garantir que existam creches com boa qualidade disponíveis.”*

Sendo a creche um prolongamento da família, de acordo com o Decreto lei nº 262/2011, de 31 de Agosto (cf. Referências webgráficas), cabe à creche:

- Facilitar a conciliação da vida familiar e profissional do agregado familiar;
- Colaborar com a família numa partilha de cuidados e responsabilidades em todo o processo evolutivo da criança;
- Assegurar um atendimento individual e personalizado em função das necessidades específicas de cada criança;
- Prevenir e despistar precocemente qualquer inadaptação, deficiência, ou situação de risco, assegurando o encaminhamento mais adequado;
- Proporcionar condições para o desenvolvimento integral da criança, num ambiente de segurança física e afetiva;
- Promover a articulação com outros serviços existentes na comunidade.

Para Portugal (1998:88) ” *um programa de creche, para crianças muito pequenas é necessariamente educacional, seja esse ou não o seu objetivo mais explícito. Na creche as rotinas diárias devem ser valorizadas bem como as atividades livres. A creche pode promover experiências valiosas na vida da criança, da sua família e profissionais se existir uma fusão constante de cuidados e educação.* ”

Assim a entrada da criança na creche deve ser planeada, acompanhada e avaliada, para que a criança se sinta acolhida e possa desligar-se temporariamente do cuidador primário, sentindo-se segura. (Santos 2004)

A partir do momento em que a criança começa a frequentar a creche, surgem algumas dificuldades: os pais sentem-se menos pais e inseguros, uma vez que vão ser “substituídos” pela equipa educativa. Neste período de adaptação é importante que a criança conheça e estabeleça vínculos afetivos com o novo ambiente, os adultos responsáveis da sala, os novos amiguinhos e a rotina diária estabelecida.

De acordo com Granger (1976:117) o dia de uma criança na creche tem vários momentos distintos:

- *Chegada;*
- *Refeições;*
- *Cuidados de higiene;*
- *Repouso e sono;*
- *Brincadeiras ou período de atividade;*
- *Saída da creche.*

As atividades lúdicas devem fazer parte do dia a dia da criança na creche. É através dos jogos e a brincar, que a criança se vai desenvolver e aprender a sentir satisfação no mundo que a rodeia. A criança desenvolve a inteligência ao experimentar, sente curiosidade em explorar tudo aquilo que vê ao seu redor.

Roldão (1994) define a criança como sendo esta um agente ativo de aprendizagem. Segundo a autora, as crianças deveriam manipular materiais, explorar fisicamente o meio que as rodeia para se compreenderem a si próprias e ao mundo. Assim, as crianças devem ser encorajadas a ser curiosas e ativas.

A experimentação e exploração devem estar presentes no seu dia a dia, a pintura, digitinta, massa de cor, rasgagem e o desenho, são as atividades que promovem essa exploração. É pertinente referir que na primeira infância o jogo tem um papel fundamental no desenvolvimento da criança.

3.2. Qualidade na Creche

Segundo Portugal (1998) várias investigações indicam que os aspetos físicos ambientais bem como as características comportamentais influenciam o desenvolvimento da criança na creche. Assim, a qualidade da creche depende da organização do espaço físico, bem como dos materiais e equipamentos. A autora salienta que se a criança é afetada pelo ambiente é importante que este seja seguro e saudável. Os materiais e equipamentos não devem representar qualquer tipo de perigo ou de entrave ao seu desenvolvimento.

Os espaços da sala de creche devem refletir os diferentes momentos de desenvolvimento da criança. Sendo que o ambiente da creche não deve ser definitivo. Portugal (1998) defende que planear, arranjar, avaliar e reorganizar é um processo

contínuo na busca da qualidade, valorizando o que melhor se adequa ao grupo de crianças. Contudo, o ambiente físico é apenas um ponto entre outros que fazem a qualidade de uma sala de creche.

A qualidade da resposta da creche depende sem dúvida da relação positiva e estreita que se estabelece entre os profissionais e as famílias. Assim é fundamental que o trabalho desenvolvido seja feito em parceria, sendo a tarefa de cuidar e de educar a criança uma tarefa partilhada por todos os intervenientes; equipa educativa e família.

Deste modo, para que um programa educativo seja considerado de qualidade, as relações entre a equipa educativa, os pais e as crianças têm de ser de qualidade. Só desta forma é possível proporcionar bons ambientes para as crianças.

O estudo da qualidade em contexto de creche na área metropolitana do Porto realizado por Bairrão, Aguiar e Barros (2002) revela a inexistência de salas de creche com boa qualidade. Segundo os dados obtidos existem muitas lacunas nas creches, onde foi realizado o referido estudo, tais como: o tipo de instituição, a categoria profissional da equipa educativa, o número de crianças no grupo e o número de adultos presentes na sala.

De acordo com Bairrão (1998) a qualidade está indiscutivelmente relacionada com as características físicas e sociais dos contextos educativos, com o perfil dos adultos que trabalham nesses contextos, com as características que definem os programas educativos, entre outras.

Uma das formas de avaliação da qualidade é a aplicação de escalas de avaliação, como é o caso da escala “Infant / Toddler Environment Rating Scale”. Este instrumento de avaliação desenvolvido por Harms, Cryer e Clifford (1990) é utilizado quando pretendemos avaliar o nível de qualidade, tendo em conta as interações entre pessoas, bem como a sua interação com os materiais. Esta escala destina-se a grupos de crianças com menos de 30 meses de idade.

Nos últimos anos temos vindo a assistir a um crescente esforço pela melhoria da qualidade dos serviços prestados. A publicação dos manuais para a Gestão da Qualidade é relativamente recente, sendo este documento um guia importante para a implementação de padrões de qualidade. De acordo com o Manual de processos-chave da creche (2011) para que o desenvolvimento da criança ocorra de forma global, adequada e harmoniosa é fundamental que a criança se sinta amada e segura. É importante que a criança tenha oportunidades para brincar, desenvolver-se e aprender num ambiente seguro e protetor, pois só desta forma é que lhe será possível desenvolver a sua autoestima, autoconfiança

e capacidade de se tornar independente face aos desafios futuros com que irá sendo confrontada ao longo do seu desenvolvimento.

Deste modo, torna-se necessário que os prestadores de cuidados responsáveis pela criança pautem a sua intervenção segundo alguns critérios de qualidade referidos no Manual para a Gestão da Qualidade na Creche:

- *Ter em consideração o interesse da criança, especialmente quando se encontra a planificar o trabalho, aspeto que implica um trabalho de grande proximidade com a família desta. Há que estabelecer uma parceria forte com a família das crianças que estão ao seu cuidado, de forma a obter informação acerca das capacidades e competências das crianças.*
- *Nos cuidados tidos ao nível da qualidade das relações que a criança vai estabelecer quer com outras crianças quer com os adultos. É num contexto relacional que as aprendizagens da criança ocorrem pelo que quando se está a planificar um trabalho com estas crianças, este é um aspeto central a ter em consideração.*
- *Todas as crianças necessitam de se sentir incluídas, de ter um sentimento de pertença, de se sentir valorizadas e importantes para algo. Este sentimento é possível de ser construído através do respeito mútuo e através de relações afetivas calorosas e recíprocas entre a criança e o adulto responsável por ela.*
- *Compreender as formas como estas crianças aprendem. Este é um processo complexo, em que se tem que promover um ambiente que facilite a brincadeira, a interação, a exploração, a criatividade e a resolução de problemas por parte das crianças. Só desta forma é que elas poderão desenvolver o máximo das suas competências e capacidades.*

Uma análise aos critérios referenciados leva-nos a concluir que implica:

- Pensar a criança como um aprendiz efetivo e ativo, que gosta de aprender;
- Criar um ambiente flexível que possa ser adaptado imediatamente aos interesses e necessidades de cada criança, promovendo o acesso a um leque de oportunidades de escolhas e que lhe permita crescer confiante e com iniciativa;
- Estabelecer relações que encorajem a criança a participar de forma ativa. Crianças muito novas aprendem melhor através de aprendizagens ativas em que se encontrem envolvidas e que possuam significado para elas, pelo que a brincar será o melhor contexto em que estas crianças aprenderão;
- Procurar conhecer o grupo de crianças pelo qual se encontra responsável, aprendendo a observar o seu comportamento e interações;
- Estabelecer uma rotina diária consistente que reforce e valorize as continuidades. Desta forma, as crianças desenvolverão um sentimento de pertença a um ambiente que podem prever no seu quotidiano;
- Dinamizar oportunidades para que a criança possa comunicar os seus sentimentos e pensamentos (p.ex. através da possibilidade de estar sozinha com o adulto de referência);
- Dispor de adultos que estão interessados e envolvidos na prestação dos cuidados à criança.

Em suma, os objetivos da resposta social Creche visam proporcionar o bem-estar e desenvolvimento das crianças dos 3 meses aos 3 anos, num clima de segurança afetiva e física, durante o afastamento parcial do seu meio familiar, através de um atendimento individualizado e da colaboração estreita com a família numa partilha de cuidados e responsabilidades em todo o processo evolutivo das crianças.

Resumidamente, o conceito de qualidade na creche não pode ser encarado como único, universal e estático, uma vez que as experiências vividas pelas crianças na primeira infância são cruciais e o seu desenvolvimento é interativo e contínuo.

3.3. O Educador na creche

O educador tem um papel preponderante no desenvolvimento da criança, transmite no dia-a-dia os seus valores através de ações ou palavras, passando assim um pouco de si para o seu grupo de crianças.

De acordo com Spodek & Saracho (1998), algumas instituições apostam mais nos cuidados prestados à criança e outras no processo educativo. Em ambas as situações, o educador representa um papel relacional, institucional e afetivo.

Segundo orientação do ME (1997), o educador deve ser capaz de:

- Observar cada criança individualmente e o grupo na sua totalidade;
- Fazer uma diferenciação pedagógica para melhor compreender as necessidades de cada um;
- Planear de forma a que as atividades e experiências sejam significativas, articulando as diferentes áreas de conteúdo;
- Executar as atividades planeadas e sugeridas pelas crianças;
- Avaliar para refletir e se necessário reformular;
- Comunicar trabalhando em parceria com ou outros elementos responsáveis pela criança.

Só assim existe intencionalidade educativa no trabalho do educador.

Contudo Portugal (1998) considera que não obstante as suas competências profissionais, o educador deve possuir as seguintes características:

- Afável e compreensivo;
- Adaptável às características individuais e de grupo;
- Autoreflexivo e autocrítico;
- Boa capacidade de comunicação e relacionamento;
- Consciente da sua influência nas crianças;
- Emocionalmente equilibrado e alegre;
- Observador;
- Paciente, tolerante mas firme na definição de regras;
- Responsável;
- Transmissor de segurança e confiança;
- Ótima capacidade de iniciativa e improviso.

No entanto, a autora considera que para se ser um bom educador devem prevalecer algumas competências profissionais, tais como:

- Assíduo e pontual;
- Motivado;
- Conhecer o desenvolvimento infantil;
- Portador de formação académica adequada;
- Bom pedagogo;
- Detentor de uma capacidade de concepção, desenvolvimento e avaliação de projetos;
- Organizado;
- Investigador;
- Possuidor de boa capacidade de trabalho em equipa;
- Utilizador de estratégias e instrumentos diversificados;
- Autodidata procurando constantemente atualizar os seus conhecimentos.

De acordo com Portugal (2000) um educador deve ter formação específica sobre o desenvolvimento e características da criança muito pequena, ser capaz de compreender as suas necessidades e ajudá-las a explorar o meio, de acordo com a curiosidade de cada uma. O educador deve desenvolver uma relação muito próxima com a criança, apoiando-a e estimulando-a no dia-a-dia.

Segundo Figueira (1998), o dia na creche deve fluir normalmente, sem rigidez, nem stress, de forma a que as experiências de aprendizagem se insiram nos acontecimentos espontâneos de um quotidiano feliz, sem pressas. A autora considera que a creche é um contexto educativo que integra as respostas adequadas às necessidades básicas das crianças e que os educadores de infância devem ser profissionais capazes de dar respostas integradoras às crianças e às suas famílias.

De acordo com Portugal (2000) o respeito e a focalização nas relações que se estabelecem com a criança são o fundamento de toda a filosofia que deve presidir a um programa educativo de creche. Apesar da tenra idade, a criança deve ser respeitada.

Gonzalez-Mena e Eyer (1989) in Portugal (2000:91) defendem dez princípios educativos que vão ao encontro do que significa “respeitar” a criança na primeira infância:

- 1) Envolver as crianças nas coisas que lhes dizem respeito;*
- 2) Investir em tempos de qualidade procurando estar disponível para as crianças;*
- 3) Aprender e não subestimar as formas de comunicação únicas de cada criança e ensinar-lhe as suas;*
- 4) Investir em tempo e energia para construir uma pessoa total;*
- 5) Respeitar as crianças enquanto pessoas de valor e ajudá-las a reconhecer e a lidar com os seus sentimentos;*
- 6) Ser verdadeiro nos nossos sentimentos relativamente às crianças;*
- 7) Modelar os comportamentos que se pretende ensinar;*
- 8) Reconhecer os problemas como oportunidades de aprendizagem e deixar as crianças tentarem resolver as suas próprias dificuldades;*
- 9) Construir segurança ensinando a confiança;*
- 10) Procurar promover a qualidade do desenvolvimento em cada fase etária, mas não apressar a criança para atingir determinados níveis de desenvolvimento.*

Capítulo 4 - O Processo de Adaptação à creche

4.1. A adaptação e seus intervenientes

A adaptação não é um processo linear, cada criança reage de forma diferente a esse período. Através do seu comportamento a criança deixa transparecer como está a sentir-se perante esta grande etapa de separação dos progenitores. Há crianças que quase nem sentem este processo mas há outras que reagem muito e por isso demoram mais tempo a estarem completamente adaptadas à creche.

De acordo com Portugal (1998) o processo de adaptação pode durar meses e as reações da criança durante a adaptação, podem variar muito e dependem especialmente da sua idade e do tipo de relacionamento existente entre ela e os seus pais. A forma como os pais concebem a creche e de como a creche organiza a sua receção influencia o processo de adaptação.

Para Santos (1995) ir para a creche e ter de lá ficar até os pais aparecerem, entregar um filho pequeno a pessoas desconhecidas e cuidar dos filhos dos outros são situações, todas elas, humanamente complicadas e despertam emoções e sentimentos intensos nos três parceiros envolvidos: o pessoal da creche, os pais e as crianças.

Existem inúmeros fatores que podem influenciar o processo de adaptação, este deverá ser um processo antecipado e progressivo, de modo a preparar da melhor forma todos os intervenientes. Nos primeiros dias, a criança e os pais podem sentir muita dificuldade durante o momento de separação, mas aos poucos a criança vai criando novos ritmos e adequando-se à nova realidade.

Durante este período, a criança pode apresentar alterações de humor, dificuldade em adormecer, irritabilidade, falta de apetite, chorar, gritar, entre outras.

De acordo com Klein (1991), o temperamento da criança é um fator determinante durante esta fase. Assim, e respeitando as características individuais de cada criança, o processo de adaptação pode demorar o tempo que for necessário, uma vez que não existe nenhuma “receita”, pois as crianças reagem de forma muito diferente quando são confrontadas com um mesmo problema.

A adaptação à creche é um processo muito mais complexo do que se imagina e durante determinadas fases de desenvolvimento da criança podem surgir comportamentos negativos, semelhantes aos observados nos períodos de adaptação inicial.

Para os pais, colocar o filho na creche não é uma decisão fácil, pois existem imensas dúvidas que os perturbam, principalmente nos primeiros dias de creche.

No entanto todas essas dúvidas e inquietações são legítimas, pois vão deixar os seus “tesouros” com pessoas que não lhes são familiares, todavia e de forma inconsciente transmitem toda a sua ansiedade e angústia aos filhos.

Para Portugal (1998) é importante que os pais coloquem à educadora todas as questões que considerem pertinentes. Fomentar uma comunicação aberta e positiva entre os pais e a equipa educativa pode ser um elemento fulcral para o sucesso da adaptação. Assim sendo, os pais devem conversar diariamente com os adultos que prestam os cuidados à criança e participar ativamente na vida da creche.

Santos (2004) refere que os pais precisam de ser tranquilizados para transmitirem segurança à criança. Assim o esforço no sentido de promover a adaptação da criança e da família à situação nova da creche é um esforço de promover as condições para que laços sólidos se estabeleçam entre a criança e os seus novos cuidadores na creche.

Post e Hohmann (2003) defendem que se as relações com os pais e Educadores ou amas forem apoiantes, moldam as perceções que a criança tem de si enquanto ser humano, fazendo com que esta se sinta capaz, confiante e merecedora de confiança. Em suma, é fundamental o papel dos pais durante este processo.

Segundo Figueira (1998), os pais necessitam de confiar nas pessoas ou instituições a quem entregam os seus filhos, numa idade ainda tão vulnerável.

Por sua vez, Santos (1995) refere que é importante que os pais e as educadoras encontrem tempo para conversar sobre as crianças. A comunicação entre ambos deve ser autêntica e verdadeira. A mesma autora salienta que em parceria com as famílias, uma boa creche pode ser uma ajuda preciosa, especialmente para as mães e um ambiente favorável ao desenvolvimento das crianças pequenas.

De acordo com Stlanley Greenspan (1997), cit. por Post & Hohmann (2003) as relações entre os pais e a equipa educativa têm de ter estabilidade e consistência, para que o desenvolvimento da criança decorra de uma forma mais harmoniosa.

A segurança que a equipa educativa transmite à criança é determinante no processo de adaptação, ou seja, se a equipa educativa se mostrar segura, a criança terá mais confiança no ambiente e nas pessoas que a rodeiam. No entanto, não é só a criança e a família que se encontram em processo de adaptação mas também os educadores.

Durante este processo a equipa educativa questiona-se acerca de vários aspetos:

- ✓ Será que as crianças vão gostar de mim?
- ✓ Será que vamos conseguir corresponder às expectativas dos pais?
- ✓ Será que vou ser um bom educador?
- ✓ Será que se vão adaptar bem?

Ao encontro de tudo isto, Figueira (1998) defende que o grande objetivo do trabalho curricular é o de desenvolver na criança a confiança básica, confiança em si própria e nos adultos que a rodeiam.

Em suma, o dia-a-dia na creche deve fluir normalmente, sem rigidez, nem stress, para que as experiências de aprendizagem se insiram nos acontecimentos espontâneos, de um quotidiano feliz e sem pressas.

Marchão (2003) salienta que a tarefa do educador deve ser sempre a de aumentar a capacidade motivacional do contexto da creche, ampliar o campo de experiências e de situações estimulantes, diversificar as situações indutoras dos níveis de desenvolvimento cognitivo, afetivo, social e psicomotor.

Vitória e Ferreira (1993) consideram que para que o educador obtenha sucesso na tarefa de facilitar a adaptação da criança e da família à creche é necessário experiência e conhecimentos sobre esse processo. As autoras, consideram que o educador necessita de estar preparado para possibilitar uma maior flexibilidade na rotina, incentivando a criança a explorar o ambiente, aproximando-se da criança nos momentos certos.

Brazelton (1984) cit. por Portugal (1998) considera que se os educadores pretendem promover a ligação da criança à mãe e vice-versa, devem dar uma atenção constante ao estado de desenvolvimento, bem como às características individuais da criança e dos pais.

4.2. Estratégias facilitadoras no processo de adaptação

De forma a facilitar o processo de adaptação para todos os intervenientes existem algumas estratégias pertinentes que podem favorecer todo este processo.

É necessário transmitir segurança à criança e respeitar os seus receios e ansiedades. O educador e os pais não devem ter pressa para que a criança se adapte às novas regras e rotinas, pois cada criança tem o seu ritmo.

Assim, a adaptação deverá ser um processo antecipado e progressivo de preparação entre os pais, a criança e a equipa educativa. Durante este processo o “objeto

de transição” é muito importante para a criança, pois permite estabelecer uma espécie de “ponte” entre ela e a mãe, nos momentos em que esta não está presente, e é esse objeto que lhe permite suportar a sua ausência. Para a criança, o “objeto de transição” transforma-se na sua primeira posse do mundo exterior e simboliza a união de duas pessoas que agora compreende que são separadas: a criança e a mãe. Desta forma, os objetos de transição são uma defesa eficaz contra a ansiedade e ajudam o bebé a ultrapassar a etapa do apego à mãe.

De acordo com Brazelton (1984) cit. por Portugal (1998) quando o educador tem formação, conhecimentos e “sensibilidade” ou capacidade de empatia perante as interações criança/ família/ creche, possivelmente isso resulta positivamente nas suas observações e trabalho com a criança e os pais. Um clima de tranquilidade é essencial à adaptação da criança, é também fundamental que a equipa educativa conheça os hábitos, ritmos e rotinas das crianças.

Baudelot (1991) cit. por Portugal (1998) considera que para se desenvolver as práticas de acolhimento da criança e facilitar o processo de separação importa investir na observação da criança e na análise das suas próprias práticas.

De acordo com Santos (2004) as instituições devem-se organizar para acolher a criança e a sua família, para que estas se acostumem ao novo ambiente, às novas rotinas, às novas pessoas, de modo a proporcionar um bom envolvimento entre todos os intervenientes durante este complexo período.

A equipa educativa deve apresentar aos pais o plano de acolhimento da criança para que a sua adaptação aconteça de modo adequado. No que se refere às atividades que o educador realiza, estas devem ser planeadas e organizadas, uma vez que oferecem segurança às crianças, transmitindo-lhes assim a ideia de que as coisas acontecem harmoniosamente.

Segundo Silva (sd), os pais podem e devem facilitar a integração da criança na creche através de atitudes que a autora considera adequadas, de modo a minimizar este novo processo na vida da criança.

Assim sendo passamos a apresentá-las:

- Os pais devem confiar na creche escolhida e na equipa educativa, visto que a creche será a segunda casa da criança e para que esta se sinta bem é fundamental que os pais se sintam seguros;
- Devem diversificar as pessoas que estão em contato com a criança antes que esta entre para a creche, permitindo que esta se sinta confiante com outras pessoas;
- Se a criança tiver menos de um ano de idade, os pais devem brincar “às escondidas”. Através deste jogo o bebé compreende que apesar dos pais desaparecerem do seu campo de visão não deixam de existir;
- Se a criança tiver entre um e três anos de idade, os pais devem conversar com ela sobre a creche, os educadores e os novos amiguinhos com quem vão brincar;
- Procurarem ter algum tempo livre de forma a fazer uma adaptação gradual;
- É importante criar uma rotina de separação: digam-lhe que vão trabalhar e depois o vêm buscar, nunca devem ir embora sem que a criança veja, esta atitude deixa clara a associação com a separação e os vínculos de confiança começariam a ser construídos em bases distorcidas que envolvem mentir e enganar;
- Procurem levar sempre a chucha, a fralda de pano ou aquele objeto especial com que o vosso filho gosta de brincar e de adormecer; estes objetos são uma recordação da sua própria casa;
- Não valorizem em demasia o fato do bebé ficar a chorar após a separação, uma vez que essa é a linguagem que possui para manifestar desagrado. Na maior parte das situações, ele pára de chorar com relativa rapidez e, frequentemente deixa de o fazer ao fim de alguns dias.

De acordo com a mesma autora, o educador também pode utilizar algumas estratégias que minimizam este processo de separação:

- Convidar os pais a entrarem na sala e a estarem presentes sempre que possam; pois desta forma sentir-se-ão mais confiantes e poderão observar e inclusive participar nas atividades e rotinas da sala;
- Demonstrar confiança e segurança perante as crianças e os pais;
- Manter um diálogo saudável com a família;
- Evitar ao máximo a troca de educadores / auxiliares de forma a facilitar uma relação estável;
- Reunir o máximo de informação sobre os hábitos da criança e , sempre que possível reproduzir esses cuidados, procurando manter a rotina;
- Solicitar fotografias da família e mostrá-las à respetiva criança, falar nos diversos membros da família verbalizando sentimentos positivos indutores de segurança emocional;
- Permitir que a criança traga o objeto preferido que lhe dá segurança;
- Procurar estabelecer uma relação individual afetivamente forte com cada criança, de modo a que cada uma sinta o espaço da sala como seu. Visto que uma saudável adaptação à creche permite à criança desenvolver todas as suas capacidades com harmonia.

Parte II – Estudo Empírico

Capítulo 5 – Metodologia

5.1. Metodologia utilizada

No âmbito da realização deste trabalho de investigação, será adotada a metodologia de investigação-ação, uma vez que se pretende conhecer o real para poder delinear uma intervenção consciente e bem estruturada, com intenção de melhorar a qualidade da ação, partindo da situação real para a situação ideal.

Segundo Bell (2004), um investigador deverá selecionar uma questão de partida, identificar objetivos, planejar e delinear uma metodologia adequada e escolher os instrumentos de pesquisa que melhor se adequem à investigação pretendida. Bell define assim, uma linha orientadora para realizar um trabalho de investigação.

Citando o autor (2004:20), *“a investigação-acção define um problema específico e os meios de lhe dar solução, o que implica uma reflexão sobre a acção. Este processo produz uma reformulação de práticas durante a acção e uma sistematização e conceptualização teórica”*.

De acordo com Quivy (2003), uma investigação deve ser aceite como um caminho para um melhor conhecimento, sendo que dela fazem parte dúvidas e inquietações.

A questão de pesquisa surgiu após a análise de um problema concreto, neste caso o processo de adaptação no contexto da creche.

Este estudo será de natureza qualitativa, embora sejam utilizadas técnicas quantitativas no tratamento dos dados. A aplicação de questionários permite-nos investigar a realidade da creche no que concerne ao processo de adaptação e tem como objetivo primordial melhorar a ação desenvolvida nesse processo.

De acordo com Campenhout e Quivy (1998), o questionário é uma técnica de investigação composta por um pequeno ou grande número de questões, apresentadas por escrito, a um conjunto de inquiridos e tem como objetivo facultar ao investigador dados fundamentais para o seu estudo.

Este instrumento de investigação tem inúmeras vantagens, nomeadamente a possibilidade de atingir um grande número de pessoas, independentemente da sua localização geográfica; permite o anonimato das respostas; os inquiridos podem responder no momento que lhes parecer mais oportuno e não são influenciados pelo investigador.

5.2. Formulação do objeto de estudo

De acordo com Post e Howmann (2003) os momentos de chegada e de partida da criança à creche são fundamentais para se desenvolver uma relação de confiança. Assim, estes momentos deverão ser calmos, transmitindo tranquilidade e confiança quer à criança, quer aos pais.

Sendo a adaptação um processo difícil e complexo, o papel de todos os intervenientes: criança, família, equipa educativa e instituição é fulcral para que este período decorra da melhor forma.

Assim, segundo Figueira (1998), os pais necessitam de confiar nas pessoas ou instituições a quem entregam os seus filhos, numa idade ainda tão vulnerável.

O papel da equipa educativa é fundamental. Para Brazelton (1984) citado por Portugal (1998) quando os educadores pretendem promover a ligação da criança à mãe e vice-versa, devem dar uma atenção constante ao estado de desenvolvimento, bem como às características individuais da criança e dos pais.

A estratégia utilizada pela creche para acolher “novos” pais e “novas” crianças é de extrema importância pois, de acordo com Santos (2004), as instituições devem-se organizar para acolher a criança e a sua família para que estas se acostumem ao novo ambiente, às novas rotinas, às novas pessoas, de modo a proporcionar um bom envolvimento entre todos os intervenientes durante este complexo período.

Este trabalho de investigação tem como principais objetivos:

- ✓ Averiguar como é efetuado o processo de adaptação da criança à creche;
- ✓ Conhecer a opinião dos educadores relativamente aos fatores que podem influenciar o período de adaptação;
- ✓ Identificar o papel do educador durante esse processo;
- ✓ Saber a opinião das famílias sobre a forma como decorreu a adaptação da criança;
- ✓ Conhecer a atuação das famílias durante esse processo.

5.3. Participantes no estudo

Este projeto irá ser realizado nas salas de creche de uma IPSS e nele participam 7 educadoras da valência da creche e 84 pais/ mães, cujos filhos estão a frequentar essa valência.

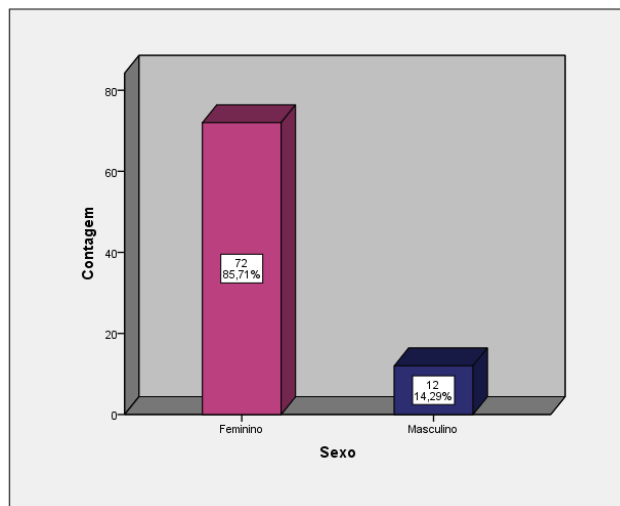
5.3.1. Caraterização dos participantes

Relativamente aos educadores de infância, todos os participantes pertencem ao género feminino.

É de referir que todas as educadoras são licenciadas e que apenas uma delas ainda não tinha exercido na valência da creche.

No que diz respeito à caracterização dos 84 pais/mães, verificou-se que, maioritariamente, como se constata pela observação do gráfico 1, os participantes são do género feminino 85,71% e somente 14,29% são do género masculino.

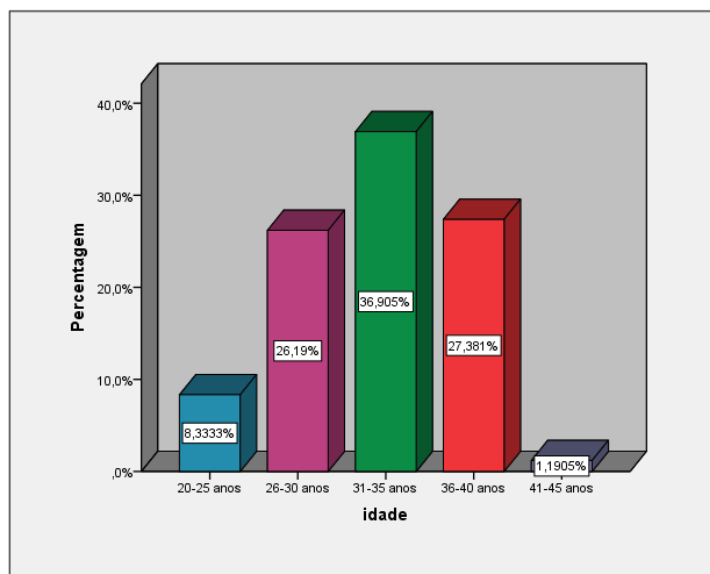
Gráfico 1- Caracterização dos participantes em função da variável género



Fonte: Questionário aos pais

Em relação à idade dos participantes verificou-se que a maioria, cerca de 36,9%, integra a faixa dos 31-35 anos.

Gráfico 2- Caracterização dos participantes em função da variável idade

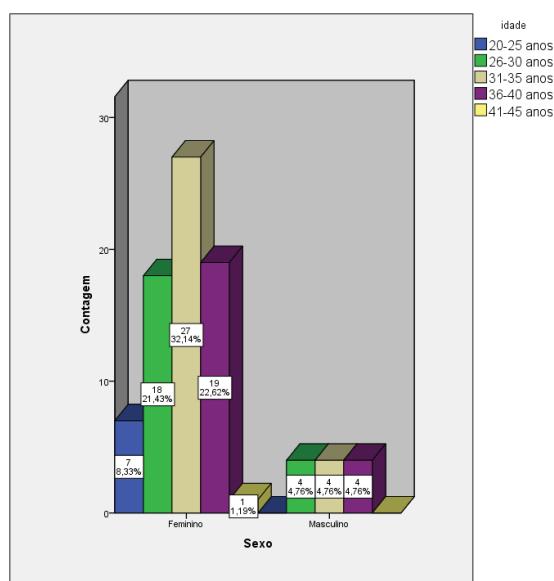


Fonte: Questionário aos pais

Analisando o gráfico 3, verificamos que os elementos de género feminino na sua maioria se situam na faixa etária dos 31 aos 35 anos (32,14%), observando-se um equilíbrio entre as mulheres dos 26 aos 30 anos(21,43%) e dos 36 aos 40 anos(22,62%).

Em relação ao género masculino, verificamos que existe um equilíbrio entre o número de elementos em cada faixa etária.

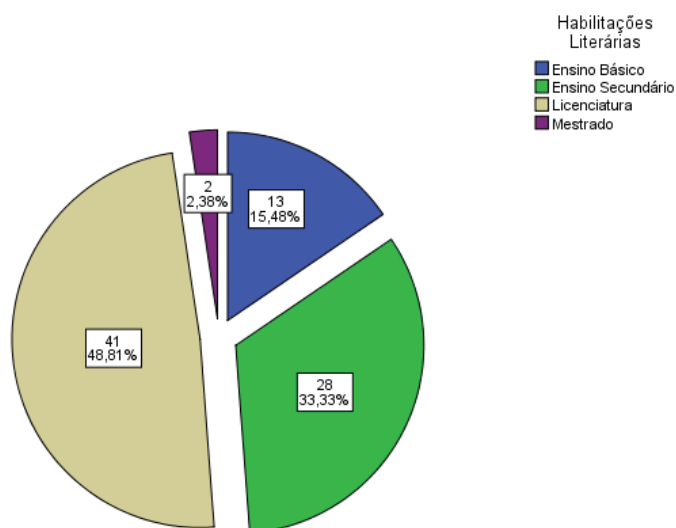
Gráfico 3- Caracterização dos participantes em função das variáveis género e idade



Fonte: Questionário aos pais

No que diz respeito às habilitações literárias dos pais/mães que responderam ao questionário constatou-se, como se pode observar no gráfico 4, que variam entre o ensino básico e o grau académico de Mestre. No entanto, 41 são licenciados, 28 têm o ensino secundário, 13 o ensino básico e 2 são Mestres.

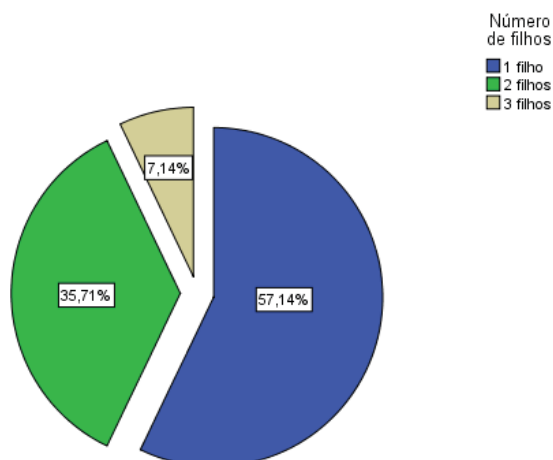
Gráfico 4- Caracterização dos participantes em função da variável habilitações literárias



Fonte: Questionário aos pais

Relativamente ao número de filhos, como pode ser observado no gráfico 5, dos 84 inquiridos, 57,14%, tem 1 filho e 7,14% de pais têm 3 filhos. Com 2 filhos temos 35,71% dos pais.

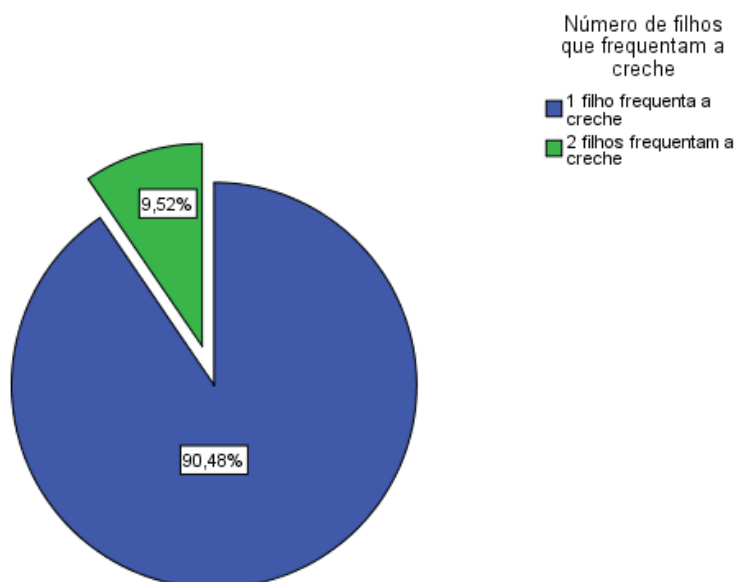
Gráfico 5- Caracterização dos participantes em função da variável número de filhos



Fonte: Questionário aos pais

No que se refere ao número de filhos que frequentam a creche, como se constata pela observação do gráfico 6, cerca de 90,48% têm um filho que frequenta a creche e 9,52% têm dois filhos a frequentar esta valência.

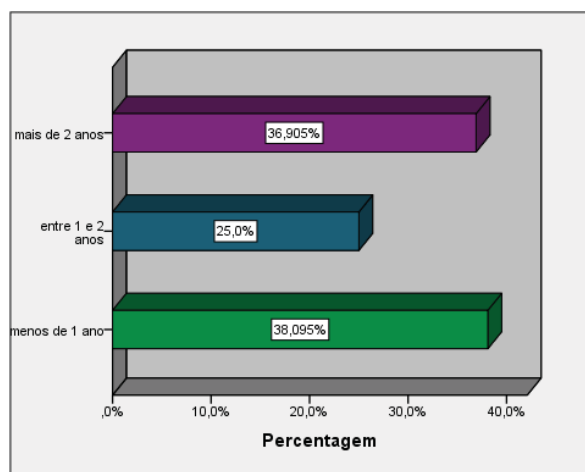
Gráfico 6- Caracterização dos participantes em função da variável número de filhos na creche



Fonte: Questionário aos pais

No que diz respeito ao tempo de frequência na creche constatou-se que, como se pode observar no gráfico 7, uma percentagem de 38,095% estão na creche há menos de 1 ano, 25% frequentam esta valência há mais de 1 ano e 36,905% das crianças está na creche há mais de 2 anos.

Gráfico 7- Caracterização dos participantes em função da variável tempo de frequência na creche



Fonte: Questionário aos pais

5.4. Instrumentos e métodos de recolha e análise de dados

De forma, a realizar esta investigação, foi elaborado e aplicado um questionário aos pais/mães das crianças que frequentam a valência da creche (cf. Apêndice I) e às respetivas educadoras (cf. Apêndice II).

5.4.1. Procedimento

O questionário aos pais foi elaborado com base em dados de pesquisa bibliográfica e, depois de ter sido apreciado por um especialista e realizado um pré-teste que contou com a colaboração de 5 pais da valência de creche, foi reformulado e aplicado aos pais que participaram neste estudo.

O questionário às educadoras (cf. Apêndice II) foi elaborado com base em dados de pesquisa bibliográfica e, depois de ter sido apreciado por um especialista e realizado um pré-teste que contou com a colaboração de 2 educadoras da valência do pré-escolar, foi reformulado e aplicado às educadoras que participaram neste estudo.

A primeira etapa desta investigação foi, através de pesquisa bibliográfica, recolher informação acerca da temática em estudo. Esta informação possibilitou a caracterização da situação ideal, ou seja, como é que deve decorrer o processo de adaptação.

Na etapa seguinte e, com base na mesma pesquisa, foram construídos os questionários que permitiram verificar qual a situação real na creche em estudo.

Na terceira etapa, foram aplicados os instrumentos aos participantes que fizeram parte desta investigação e na quarta etapa efetuou-se a recolha e o tratamento dos dados.

Concluído este processo, com base na revisão da literatura que nos conduziu ao ideal e na caracterização do real fornecida pelo tratamento e análise dos dados recolhidos, foi possível identificar as necessidades existentes.

Visando a melhoria do processo de adaptação à creche e, no sentido de satisfazer as expectativas dos intervenientes delinear-se-á um plano de ação de forma a colmatar as fragilidades encontradas.

De seguida, apresentam-se os instrumentos de recolha de dados que foram utilizados no presente estudo e os objetivos pretendidos.

5.4.2. Questionário aos pais

O questionário aplicado aos pais (cf. Apêndice I) é constituído por:

- um grupo de seis questões relativas à caracterização dos participantes, nomeadamente género, idade, habilitações literárias, número de filhos, número de filhos que frequentam a creche e há quanto tempo frequentam a valência de creche;
- um conjunto de três questões que pretende recolher dados sobre o período de adaptação da criança à creche, comportamentos da criança, estratégias utilizadas pelo educador, comportamento do educador durante o momento do acolhimento da criança;
- seis questões relativas às condicionantes da adaptação, têm como objetivo identificar a relação estabelecida entre educador/ pais, as estratégias desenvolvidas pelo educador de forma a minimizar o momento de separação, o papel da instituição durante o período de adaptação e a opinião dos pais acerca da adaptação do seu (sua) filho (a) à creche;
- por fim, uma questão aberta que pretende recolher os comentários e sugestões dos pais relativamente ao período de adaptação à creche.

5.4.3. Questionário às educadoras

Este instrumento contemplava vários itens e em todos existiam afirmações referentes aos elementos envolvidos na adaptação (criança, pais e educador).

O questionário abordava três itens: estratégias facilitadoras no processo de adaptação, cujo objetivo era identificarem o papel do educador durante o período de adaptação; estratégias de articulação com as famílias, com o objetivo de determinar a relação entre o educador e a família e por fim os diferentes fatores que podem influenciar a adaptação, com o objetivo de conhecer a opinião do educador acerca do que considera determinante para que este processo decorra da melhor forma para todos os intervenientes.

O objetivo da aplicação dos dois questionários era recolher informação sobre a forma como decorre o processo de adaptação à creche e o levantamento dos fatores que o podem influenciar.

5.4.4. Tratamento dos dados

No que diz respeito ao tratamento dos dados, será utilizada a análise de conteúdo, identificando e sistematizando as informações obtidas nas perguntas abertas dos questionários. Na definição de Bardin (1991:30) a análise de conteúdo é: *“... um método muito empírico, dependente do tipo de “fala” a que se dedica e do tipo de interpretação que se pretende como objectivo. Não existe o pronto-a-vestir em análise de conteúdo, mas somente algumas regras de base, por vezes dificilmente transponíveis. A técnica de análise de conteúdo adequada ao domínio e objectivo pretendidos, tem de ser reinventada a cada momento, excepto para usos simples e generalizados, como é o caso do escrutínio próximo da descodificação e de respostas a perguntas abertas de questionários cujo conteúdo é avaliado rapidamente por temas”*

O tratamento dos dados resultantes das questões fechadas será executado através do programa SPSS que nos permite um tratamento com recurso à estatística descritiva.

Deste modo, os resultados irão ser apresentados em gráficos e tabelas. Assim e para facilitar a sua leitura, o tratamento dos dados será percentual e numérico, seguindo-se uma análise descritiva, interpretativa e avaliativa dos resultados obtidos.

5.5. Apresentação e análise dos dados

Os dados recolhidos para a realização do presente estudo, após o seu tratamento e análise, possibilitam-nos o conhecimento da forma como decorreu o processo de adaptação da criança, na instituição em estudo.

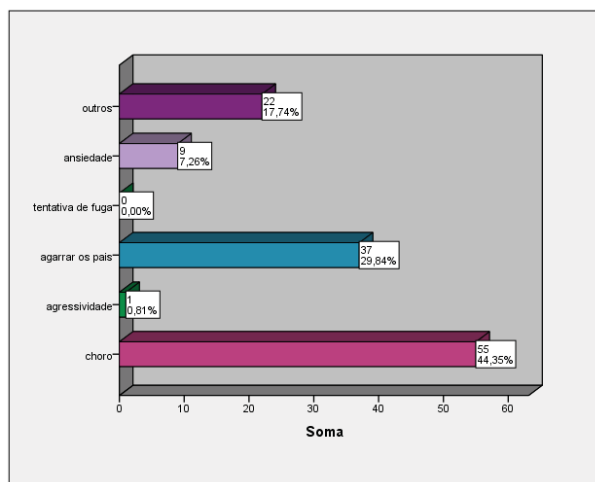
Os resultados obtidos irão ser apresentados separadamente, primeiro os resultados obtidos nos questionários aplicados aos pais das crianças que frequentam a creche e posteriormente, os resultados obtidos nos questionários realizados às educadoras de infância que exercem na valência de creche.

5.5.1. Resultados dos questionários aplicados aos pais

Através da análise dos resultados das dez questões que se seguem, pretende-se verificar o comportamento da criança durante o período de adaptação, as estratégias utilizadas pela educadora, a forma como a instituição acolheu as famílias, as expectativas dos pais em relação ao processo de adaptação e por fim os comentários e sugestões deixados pelos pais, relativamente ao período de adaptação, dos (as) seus (suas) filhos (as) à creche.

Relativamente ao comportamento da criança, nos primeiros dias de adaptação à creche, como podemos verificar no gráfico 8, evidencia-se claramente o choro, com 44,35%. Contudo, 29,84% das crianças agarravam os pais quando chegavam à creche e 17,84% tiveram outro tipo de comportamento. É de referir que apenas 7,26% das crianças ficaram ansiosas neste período e não houve nenhuma tentativa de fuga.

Gráfico 8- Comportamentos da criança, nos primeiros dias de adaptação à creche



Fonte: Questionário aos pais

Relativamente aos pais que referiram que o (a) seu (sua) filho (a) teve outro tipo de comportamento (17,74%), durante os primeiros dias de adaptação, 15 dos inquiridos salientaram que a adaptação dos filhos foi muito fácil, contudo 1 dos participantes referiu que nesse período a criança não tinha apetite e outro salientou que nos primeiros dias de creche o (a) seu (sua) filho (a) tinha medo de tudo e de todos.

O comportamento da criança aquando do momento da separação da mãe depende de vários fatores, sendo que o modo como a mãe se ausenta é um aspeto fundamental.

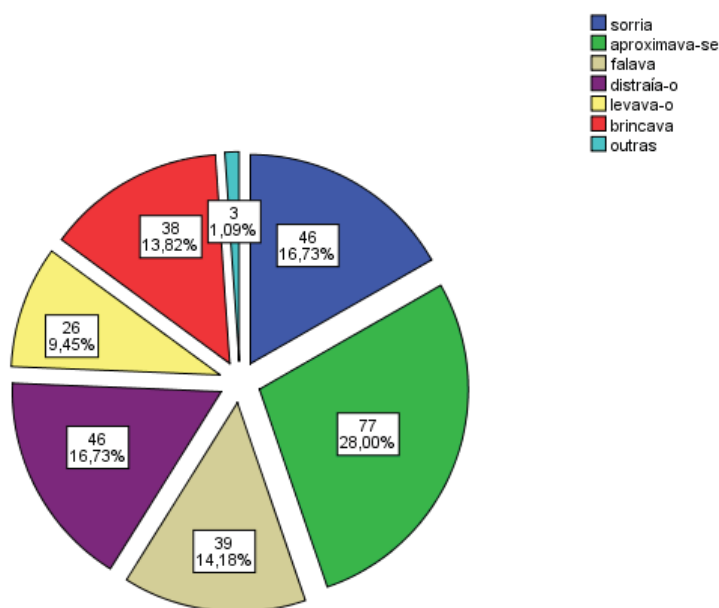
De acordo com Portugal (1998), uma saída calma provavelmente induzirá um protesto mais atenuado por parte da criança, do que uma saída intempestiva e apressada.

Segundo Klein (1991) a família pode proporcionar à criança uma integração gradual na creche, permitindo assim uma transição progressiva do contexto familiar para o contexto educativo. O que facilita a situação de separação e em certa medida, os primeiros dias de adaptação à creche.

No que se refere às estratégias utilizadas, com maior frequência pela educadora, de modo a facilitar a adaptação da criança, verificamos no gráfico 9 uma grande diversidade nas respostas dadas pelos pais. Sendo, que a estratégia mais utilizada pela educadora era aproximar-se da criança e pegar-lhe ao colo, esta tem 28% das respostas; 16,73% dos pais referiram que a educadora sorria e distraía a criança com algo. Falar calmamente foi a opção de 14,18% dos pais e 13,82% referiu que a educadora brincava com o (a) seu (sua) filho (a). Levar a criança para outro local para a acalmar é a estratégia menos representativa, com 9,45%. É de referir que 3 dos pais inquiridos salientaram que a educadora utilizava outro tipo de estratégias, tais como: recorria ao peixinho da sala, cantava e acarinhava a criança.

Estes resultados são concordantes com a opinião de Portugal (1998) que refere que quando o educador tem formação, conhecimentos e sensibilidade ou capacidade de empatia perante as interações criança/ família/ creche, muito mais provavelmente isso é transportado com resultados positivos para as suas observações e trabalho com a criança e os pais, facilitando todo o processo de separação/adaptação da criança à creche.

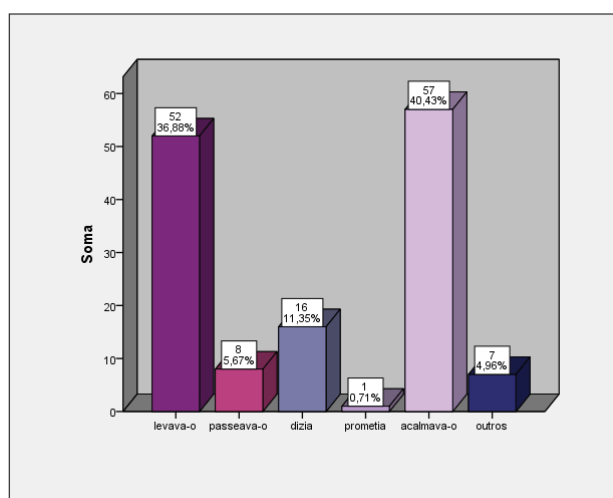
Gráfico 9- Estratégias utilizadas com mais frequência pela educadora



Fonte: Questionário aos pais

Quando questionados, relativamente ao comportamento da educadora durante o momento de acolhimento, 40,43% dos pais referiu que a educadora acalmava o (a) seu (sua) filho (a), 36,88% mencionou que a educadora levava a criança à janela, 11,35% referiram que a educadora dizia à criança que os pais voltavam à tarde. Como podemos verificar no gráfico 10 os comportamentos menos assinalados foram: passear com a criança pelas outras salas e prometer que telefonava aos pais. É de referir que 4,96% dos pais mencionaram que a educadora tinha outro tipo de comportamento, durante o momento de acolhimento: recorria à ludicidade, cantava canções que a criança gostava e mimava a criança, ao dar-lhe colo e muitos mimos.

Gráfico 10- Comportamento da educadora durante o momento de acolhimento

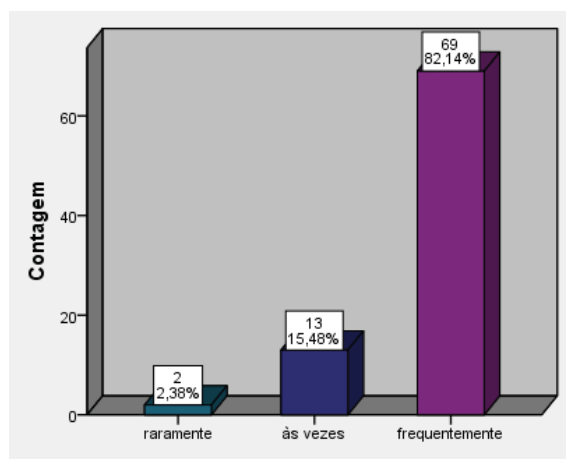


Fonte: Questionário aos pais

No que concerne à comunicação entre a equipa educativa e os pais, a maioria, como verificamos no gráfico seguinte, 82,41% referiu que a equipa educativa comunicava frequentemente com a família, 15,48% dos pais considerou que essa comunicação ocorria só às vezes e somente 2,38% dos participantes alegaram que raramente comunicavam com a equipa da sala do (a) seu (sua) filho (a).

Os resultados verificados vão ao encontro da opinião de Santos (1995), uma vez que a autora considera importante que os pais e as educadoras encontrem tempo para conversar sobre as crianças, salientando que a comunicação entre ambos deve ser autêntica e verdadeira.

Gráfico 11- Comunicação entre a equipa educativa e os pais/família

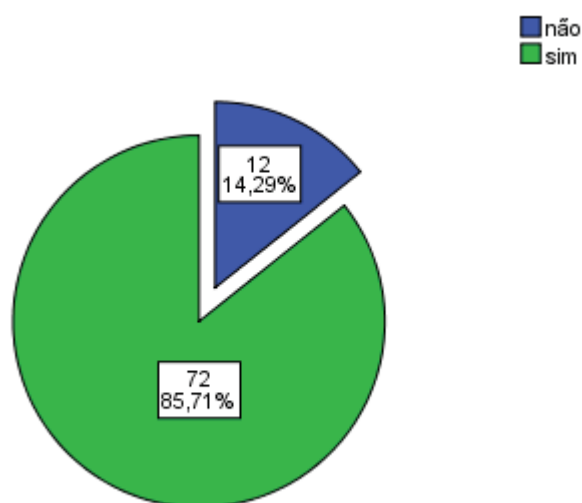


Fonte: Questionário aos pais

Como podemos verificar no gráfico 12, uma maioria significativa de pais, 85,71% diz ter participado ativamente no período de adaptação da criança; apenas 14,29% diz não ter participado, nesse período.

De acordo com Brazelton (1984) os resultados apresentados evidenciam que existe envolvimento e participação parental na creche, o que segundo o autor facilita o processo de adaptação da criança e contribui para o fortalecimento das relações pais/educadores.

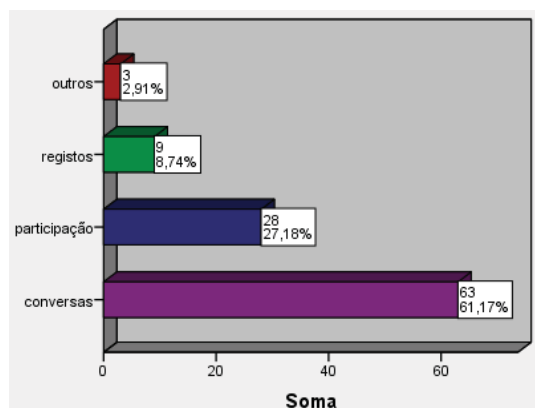
Gráfico 12- Participação ativa no período de adaptação da criança



Fonte: Questionário aos pais

No que se refere às ações desenvolvidas para incentivar a sua participação, no dia a dia da creche, 63 dos inquiridos referem momentos de conversas informais com a equipa educativa, 28 dos pais afirmam ter participado em algumas rotinas, tais como alimentação, momentos de ludicidade e higiene; 9 dos participantes mencionam os registos coletivos e apenas 3 pais citaram outras ações desenvolvidas pela equipa educativa: permanecerem na sala durante alguns momentos do dia, participando assim de forma ativa no período de adaptação da criança, amamentarem na sala de creche e receberem informações diárias relativamente à forma como o (a) seu (sua) filho (a) passou o dia.

Gráfico 13- Ações desenvolvidas para incentivar a participação dos pais

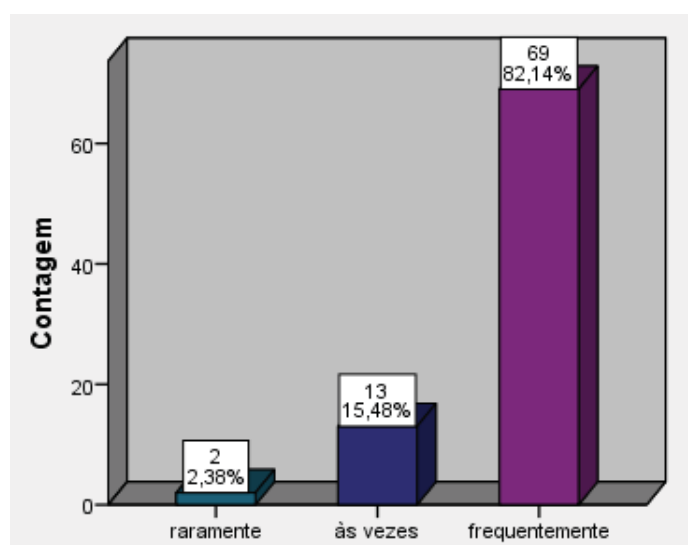


Fonte: Questionário aos pais

No que diz respeito, ao modo como a creche acolhe as famílias, evidencia-se a opinião de 82,14% dos pais, que referem que frequentemente a creche sabe acolhê-los, outra opinião tiveram 15,48% dos inquiridos, alegando que nem sempre a creche os acolhe da melhor forma; 2,38% mencionou que raramente eram bem acolhidos na creche.

Podemos afirmar que estes resultados sustentam a opinião de Santos (2004:64) *“...as instituições devem-se organizar para acolher a criança e a sua família, para que estas se acostumem ao novo ambiente, às novas rotinas, às novas pessoas...”*

Gráfico 14- A creche e o acolhimento às famílias

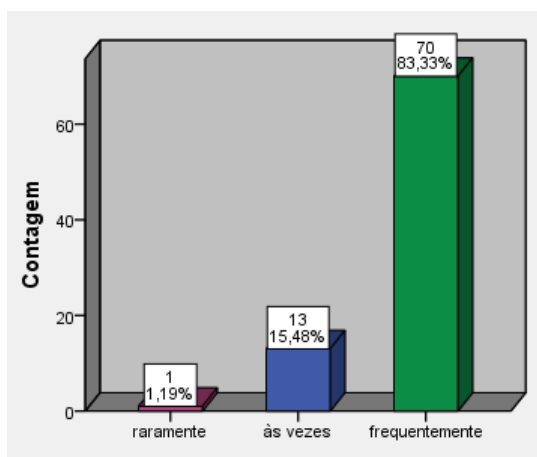


Fonte: Questionário aos pais

De acordo com o gráfico 15, uma maioria significativa dos pais, considerou que a educadora trabalha com a família no sentido de tornar a chegada e a partida da criança divertida e reconfortante. Apenas 13 dos pais inquiridos referiram que não existia por parte da educadora essa atenção, 1 deles até mencionou que raramente isso acontece.

Os resultados refletem positivamente o papel da educadora no momento da chegada e partida da criança. Deste modo, vão de encontro à opinião de Post e Hohmann (2003) que referem que o modo como o educador apoia a criança e os pais nos momentos de acolhimento e partida, são fundamentais para uma boa adaptação.

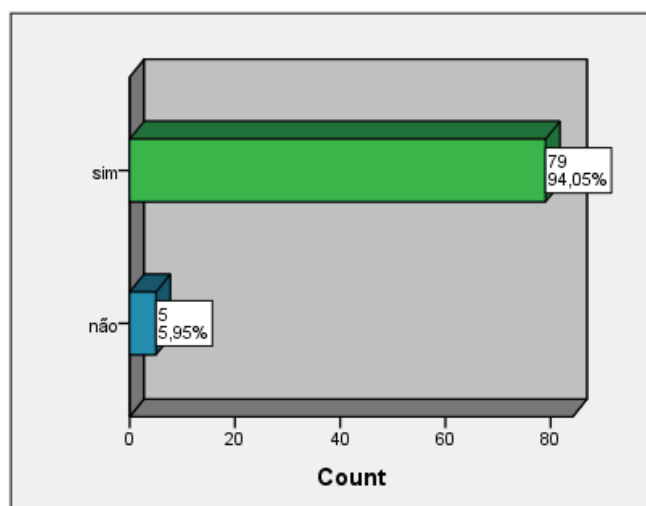
Gráfico 15- O papel da educadora no momento da chegada e partida da criança



Fonte: Questionário aos pais

Como podemos verificar no gráfico 16, quando questionados acerca da forma como decorreu a adaptação do (a) seu (sua) filho (a), 79 pais mencionaram que esta correspondeu às suas expetativas, apenas 5 dos inquiridos referiu que tal não aconteceu.

Gráfico 16- Expetativas dos pais relativamente à adaptação



Fonte: Questionário aos pais

No que concerne às expetativas dos pais relativamente à adaptação, constatamos que 39 dos pais mencionaram que a adaptação do (a) seu (sua) filho (a) correu bem, sem qualquer tipo de problemas e 7 pais alegaram que o processo de adaptação foi difícil, o que se refletiu negativamente no comportamento da criança. No que diz respeito, ao

desempenho do educador, cerca de 9 dos inquiridos referiram que a equipa educativa facilitou bastante todo este complexo processo, sentiam-se seguros e confiantes quando deixavam os seus filhos na creche. Apenas 1 dos pais referiu que o papel do educador dificultou a adaptação, o que contribuiu para a sua insegurança e ansiedade.

O Quadro I apresenta os comentários e as sugestões deixadas pelos pais, contudo como podemos verificar, nem todos os inquiridos deram a sua opinião acerca do período de adaptação à creche.

Quadro I – Comentários e sugestões dos pais referentes ao período de adaptação

Categoria	Subcategoria	Frequência
Período de adaptação à creche	Período de adaptação satisfatório	7
	Período de adaptação pouco satisfatório	1
Relação equipa educativa / família	Boa relação com os pais	7
	Falta de diálogo com os pais	1
A creche e a família	Continuação da mesma equipa educativa	4
	Desagrado em relação à sala de acolhimento	3
	Total	23

Fonte: Questionário aos pais

Através da observação do quadro, podemos constatar que o período de adaptação foi satisfatório para 7 dos inquiridos, contrariamente 1 dos pais confirmou que o período de adaptação não correspondeu às suas expectativas, sendo pouco satisfatório.

A relação que a equipa educativa estabelece com a família é um fator crucial em todo o processo assim, 7 dos progenitores confessaram que mantinham uma boa relação com a equipa educativa e somente 1 inquirido referiu que existiu sempre falta de diálogo, desconhecia como decorriam as rotinas diárias do (a) filho (a) e não havia qualquer feedback do dia passado na creche.

Relativamente à instituição e à família, cerca de 4 dos inquiridos afirmaram que é muito importante que a equipa educativa acompanhe a criança até ao fim, evitando assim um ciclo constante de adaptações. A sala de acolhimento foi mencionada por 3 dos progenitores como sendo um local onde existem muitas crianças de várias faixas etárias, o que motiva o seu desagrado.

Após a análise dos resultados dos questionários aplicados aos pais podemos verificar que a maior parte dos inquiridos considera que a adaptação da criança correspondeu às suas expetativas. No entanto, há que ter em conta algumas situações em que (...) crianças choram durante os primeiros dias de adaptação; outras agarram os pais quando chegam à creche e existiam ainda algumas que tinham medo de tudo e de todos.

As estratégias utilizadas pela educadora para facilitar a adaptação passavam por uma aproximação à criança, pegar-lhe ao colo, sorrir e distrair a criança com algo (levá-la à janela) e acalmá-la (dizer à criança que os pais voltam à tarde).

Salienta-se que existia comunicação entre a equipa educativa e os pais.

5.5.2. Resultados dos questionários aplicados às educadoras

Através da análise dos questionários aplicados às educadoras, pretende-se verificar quais as estratégias que utilizam de forma a facilitar o processo de adaptação da criança, como é realizada a articulação com as famílias e que fatores consideram poder influenciar a adaptação das crianças à valência da creche.

Relativamente às estratégias que as educadoras consideram facilitadoras no processo de adaptação, podemos constatar no Quadro II que a totalidade destas aponta conhecer a criança, objeto de transição, estabelecer com a criança uma relação de confiança, estabelecer com a família uma relação de confiança, ambiente acolhedor, transmitir segurança aos pais e promover uma atitude de tranquilidade, como estratégias primordiais para facilitar este processo.

As estratégias adotadas pelas educadoras vão ao encontro da opinião de Santos (2004:66): *“Os pais precisam de ser tranquilizados para transmitirem segurança à criança.”*

Por conseguinte, a estratégia de conhecer os pais, antes da criança entrar na creche não é aplicada por todas as educadoras, apenas 1 educadora mencionou utilizar sempre esta estratégia, durante a adaptação da criança.

Esta opinião não é partilhada por Brazelton (1984) que considera fundamental o fortalecimento das relações pais-educadores.

É de referir, que de acordo com a dimensão delinear estratégias, uma das inquiridas confessou que nunca delineava estratégias de modo a facilitar o processo de adaptação da criança à creche. Contudo Portugal (1998) considera fundamental delinear estratégias como planear, arranjar, avaliar e reorganizar é um processo contínuo na busca da qualidade, valorizando o que melhor se adequa ao grupo de crianças.

As estratégias onde existiu alguma diferença de opinião, por parte das educadoras, como consta no Quadro II foram: acolher diariamente a criança, diálogo com os pais, aconselhar os pais e partilhar as reflexões e inquietações.

Todavia, Baudelot (1991) cit. por Portugal (1998) considera que para se desenvolver as práticas de acolhimento da criança e facilitar o processo de separação importa investir na observação da criança e na análise das suas próprias práticas.

Quadro II – Utilização de estratégias facilitadoras no processo de adaptação

Estratégias	Frequência			
	Nunca	Raramente	Às vezes	Sempre
Delinear estratégias	1			6
Atender os telefonemas dos pais			1	6
Acolher diariamente a criança			3	4
Conhecer os pais	1	2	3	1
Diálogo diário com os pais			2	5
Conhecer a criança				7
Aconselhar os pais			2	5
Objeto de transição				7
Estabelecer com a criança uma relação de confiança				7
Ambiente acolhedor				7
Trabalhar em parceria			1	6
Refletir sobre a adaptação			1	6
Partilhar as reflexões e inquietações			3	4
Transmitir segurança aos pais				7
Promover uma atitude de tranquilidade				7
Incentivar a participação dos pais		2	5	
Convidar especialistas	5	1	1	

Fonte: Questionário às educadoras

Relativamente às estratégias de articulação com as famílias, referidas pelas educadoras, surgiram uma diversidade de estratégias. De acordo, com a observação do Quadro III, onde existe unanimidade na resposta, é na estratégia: informar sobre a rotina da criança, todas as educadoras afirmaram que informam diariamente os pais acerca do dia-a-dia da criança, na creche.

Post e Howmann (2003) também admitem que os momentos de chegada e de partida da criança à creche, são fundamentais para se desenvolver uma relação de confiança, deste modo, estes momentos deverão ser calmos transmitindo tranquilidade e confiança quer à criança, quer aos pais.

Por conseguinte, Santos (1995) refere que é importante que os pais e as educadoras encontrem tempo para conversar sobre as crianças, valorizando assim os momentos de diálogo e troca de informação entre o educadora e os pais.

Na estratégia conhecer a criança antes da sua entrada na creche existe uma grande diversidade de opiniões, importa ainda referir que em várias estratégias: conversas informais, recolher informação, respeitar a criança, momento de chegada, recolher sugestões e questões dos pais e atuar de acordo com os diálogos estabelecidos com os pais, não existe muita discordância, entre as respostas das educadoras, relativamente à frequência em que estas situações ocorrem.

Assim, as respostas das educadoras vão ao encontro da opinião defendida por Stlanley Greenspan (1997), cit. por Post e Hohmann (2003) *"...as relações entre os pais e a equipa educativa têm de ter estabilidade e consistência, para que o desenvolvimento da criança decorra de uma forma mais harmoniosa."*

Na estratégia participação dos pais nas reuniões bem como na estratégia não omitir informação evidenciou-se o facto de 90% das educadoras (6 das inquiridas) mencionarem que as reuniões têm sempre a participação dos pais e que costumam dizer sempre a verdade à criança, quando os pais se ausentam, não omitindo assim a verdade à criança.

É de salientar que na estratégia acesso livre à sala, apenas uma educadora afirmou que nunca permitia a presença dos pais na sala, durante o período de adaptação.

Contudo, o pensamento de Post e Hohmann (2003:14) é divergente, os autores defendem que se as relações com os pais e educadores ou amas forem apoiantes, moldam as perceções que a criança tem de si enquanto ser humano, fazendo com que esta se sinta capaz, confiante e merecedora de confiança. Em suma, consideram que é fundamental o papel dos pais durante este processo.

Quadro III – Estratégias de articulação com as famílias

Estratégias	Frequência			
	Nunca	Raramente	Às vezes	Sempre
Participação dos pais nas reuniões			1	6
Informar sobre a rotina da criança				7
Conversas informais			4	3
Conhecer a criança antes da entrada na creche	1	2	3	1
Recolher informação			4	3
Respeitar a criança			3	4
Acesso livre à sala	1		4	2
Não omitir informação			1	6
Momento da chegada: Assistir à partida dos pais			4	3
Recolher sugestões e questões dos pais			3	4
Atuar de acordo com os diálogos estabelecidos com os pais			4	3

Fonte: Questionário às educadoras

Atendendo, aos fatores que podem influenciar a adaptação da criança, como podemos constatar no Quadro IV, a ansiedade dos pais, o sentimentos de culpa, a confiança na creche e na equipa educativa, a insegurança dos pais, o temperamento da criança, as características emotivas da criança, a atitude dos pais, a atitude da equipa educativa, o período de adaptação variável e a inadaptção, são fatores essenciais que podem facilitar todo este complexo processo, que é a adaptação.

É de referir que alguns fatores tiveram 7 unidades de registo, na mesma opção, assim todas as educadoras afirmaram ter a mesma opinião e confessaram que o sentimento de culpa que os pais sentem, influencia sempre a adaptação da criança, bem como a sua insegurança e atitude. Esta mesma opinião é defendida por Portugal (1998:11) “...muitos

pais experienciam uma culpa residual acerca da colocação da sua criança aos cuidados de outros durante os primeiros anos de vida.”

Os fatores: atitude da equipa educativa e o período de adaptação variável também se evidenciam, visto que todas as inquiridas mencionaram que estes fatores influenciam sempre o período de adaptação. O que vem reforçar a apreciação de Portugal (1998:11) “...adaptação ao ritmo de uma colectividade é uma prova difícil e frustrante para a criança e pais.”

Quando questionadas acerca da influencia do temperamento da criança e das suas características emotivas, no processo de adaptação, a maioria 80% das educadoras, considerou que estes fatores são sempre determinantes.

A mesma opinião é sustentada por Klein (1991), ao afirmar que o temperamento da criança é um fator determinante durante esta fase. Portugal (1998:68) partilha da mesma opinião ao mencionar “*As características temperamentais/emotivas da criança influenciam o seu comportamento durante a adaptação.*”

Relativamente, ao fator confiança na creche e equipa educativa a opinião não é unânime, 2 educadoras referem que esse aspeto é crucial, contudo, 5 das educadoras alegam que nem sempre esse fator é decisivo, na adaptação de todos os intervenientes. Este resultado contraria a opinião de Figueira (1998:69), uma vez que salienta que “... *os pais necessitam de confiar nas pessoas ou instituições a quem entregam os seus filhos, numa idade ainda tão vulnerável.*”

Importa realçar, o fator inadaptção, que contou com 4 opiniões no raramente isso acontece, ou seja, de acordo com as educadoras que participaram neste estudo, por norma a criança adapta-se à creche. No entanto, três das educadoras confessaram que às vezes existem crianças que nunca se adaptam à creche.

Portugal (1998:112) acredita que com o apoio familiar e dos educadores a maioria das crianças adapta-se rapidamente.

Quadro IV – Fatores que podem influenciar a adaptação

Fatores	Frequência			
	Nunca	Raramente	Às vezes	Sempre
Ansiedade dos pais			3	4
Sentimento de culpa dos pais				7
Confiança na creche e na equipa educativa			5	2
Insegurança dos pais				7
Temperamento da criança			2	5
Caraterísticas emotivas			2	5
Atitude dos pais				7
Atitude da equipa educativa				7
Período de adaptação variável				7
Inadaptação		4	3	

Fonte: Questionário às educadoras

Em resumo, após a análise dos resultados dos questionários aplicados às educadoras podemos salientar:

- ✓ Destacam-se algumas estratégias que as educadoras consideram facilitar o processo de adaptação, tais como: conhecer a criança, utilização do objeto de transição, estabelecer com a criança e a família uma relação de confiança, ambiente acolhedor, transmitir segurança ao pais e promover uma atitude de tranquilidade;
- ✓ As estratégias que menos utilizam e valorizam são: acolher diariamente a criança, dialogar com os pais e aconselhá-los e partilhar reflexões e inquietações;
- ✓ No que se refere às estratégias de articulação com as famílias destaca-se a de informar os pais sobre a rotina da criança;
- ✓ Nem todas as educadoras consideram fulcral conhecer a criança antes da sua entrada na creche;
- ✓ A maioria das educadoras (4 das inquiridas) referiu que ocorrem com relativa frequência conversas informais com os pais bem como recolha de sugestões e questões colocadas pelos pais;

- ✓ A maioria das educadoras (6 das inquiridas) mencionou que as reuniões têm sempre a participação dos pais;
- ✓ No que se refere ao acesso dos pais à sala, apenas uma educadora referiu que nunca permitia a presença dos pais na sala, durante o período de adaptação da criança;
- ✓ As educadoras foram unânimes em relação aos fatores que consideram influenciar significativamente a adaptação da criança, são eles: o sentimento de culpa dos pais bem como a sua insegurança e atitude, a atitude da equipa educativa e o período de adaptação variável;
- ✓ A maioria das educadoras (5 das inquiridas) considerou que o temperamento da criança e as suas características emotivas são determinantes durante este processo;
- ✓ Grande parte das educadoras (5 das inquiridas) considera que nem sempre a confiança na creche e na equipa educativa interfere na adaptação;
- ✓ A maioria das inquiridas (4) refere que por norma a criança adapta-se à creche.

Capítulo 6 – Análise de necessidades

6.1. Análise de necessidades

Depois da análise dos questionários aplicados aos pais e às educadoras e após refletir sobre a situação real verificou-se que é necessário fazer uma identificação de necessidades, tendo em conta o real e o que deveria ser a situação ideal.

Através do resultado da pesquisa bibliográfica realizada, consideramos que é crucial definir alguns fatores necessários à superação das dificuldades de adaptação da criança e de outros intervenientes, à valência da creche.

Assim, após o confronto entre a situação ideal e a situação real surgiu a identificação de necessidades, que de seguida passamos a descrever:

Situação Real	Situação Ideal	Necessidades
<p>A maior parte dos pais inquiridos considera que a adaptação da criança correspondeu às suas expectativas. No entanto, há que ter em conta algumas situações em que alguns dos pais referem que:</p> <p>(...) criança chora durante os primeiros dias e resiste em ficar na creche, agarrando os pais.</p> <p>(...) crianças não têm oportunidade de se despedirem dos pais.</p>	<p>A Revisão da literatura aponta para a importância de que:</p> <p>(...) “o educador deve proporcionar um ambiente caloroso, seguro e interessante para os pais das crianças sentirem confiança em lhes entregarem.”</p> <p>“as instituições devem-se organizar para acolher a criança e a sua família, para que estas se acostumem ao novo ambiente, às novas rotinas, às novas pessoas, de modo a proporcionar um bom</p>	<p>Criar um ambiente calmo e acolhedor, de modo a proporcionar um bom envolvimento entre todos os intervenientes durante este período.</p> <p>Envolver a coordenação da Instituição em soluções facilitadoras da adaptação e que contemplem as fragilidades apontadas, p.ex.:</p> <p>- <i>flexibilização do horário das educadoras (de modo a serem estas a fazer o acolhimento);</i></p>

<p>A equipa educativa que acompanha a criança não se mantém durante a permanência da criança na creche.</p> <p>O momento do acolhimento não oferece um ambiente calmo, pois estão no mesmo grupo crianças de diferentes faixas etárias (2 aos 6 anos).</p> <p>Constata-se que para algumas educadoras:</p> <p>(...) pais transmitem a sua insegurança e preocupação à criança, por isso não permitem a presença dos pais na sala, durante a adaptação da criança.</p> <p>...é importante manter diariamente conversas informais com os pais.</p> <p>(...) os encontros com especialistas para uma reflexão sobre a adaptação à creche não são valorizados</p> <p>O horário que lhe está atribuído não lhes permite estar presente na hora da chegada das crianças.</p>	<p>envolvimento entre todos os intervenientes durante este complexo período.”</p> <p>(...) “as relações entre os pais e a equipa educativa têm de ter estabilidade e consistência, para que o desenvolvimento da criança decorra de uma forma mais harmoniosa.”</p> <p>(...) “quando o educador tem formação, conhecimentos e “sensibilidade” ou capacidade de empatia perante as interações criança/ família/ creche, possivelmente isso resulta positivamente nas suas observações e trabalho com a criança e os pais.”</p>	<p>- <i>manter a mesma equipa educativa durante a “vida” da criança na creche;</i></p> <p>- <i>encontrar um espaço específico para acolher as crianças pequenas.</i></p> <p>Manter um diálogo saudável com a família de forma a ganhar a sua confiança e fortalecer a segurança de que os pais precisam.</p> <p>Os educadores deverão desenvolver o seu conhecimento sobre a temática da adaptação à creche.</p>
--	---	--

Parte III – Proposta de Intervenção

Capítulo 7 – Fundamentação e Desenvolvimento da Proposta de Intervenção

7.1. Fundamentação e objetivos gerais da proposta de intervenção

A proposta de intervenção que se segue tem como objetivo colmatar as necessidades encontradas após o confronto realizado entre a análise dos resultados obtidos (através dos questionários realizados aos pais e às educadoras) e a bibliografia pesquisada, pretendendo assim alcançar a situação ideal.

Este plano pretende também analisar e refletir sobre alguns receios, medos, angústias, frustrações com que os intervenientes no processo de adaptação da criança à creche se deparam durante esse período.

Assim, é fundamental que exista um trabalho de parceria com a família, para que se possa ultrapassar da melhor forma os obstáculos que surgem durante a adaptação à Creche. Citando Portugal (1998:127) *“trabalhar com os pais parece ser a melhor estratégia para a promoção do bem estar e desenvolvimento da criança, dada a relação de maior intimidade e envolvimento com as mesmas e conhecimento da individualidade e história de cada uma...”*

Nesta linha de pensamento, após o diagnóstico de necessidades e dada a importância de trabalhar com os pais, educadores e instituição no sentido de minimizar o processo de separação criança/ pais, será necessário estruturar um programa de enriquecimento parental, cujo objetivo fulcral será apoiar a criança e a família durante o processo complexo da adaptação.

De acordo com Coutinho (2004:57) *“os programas de formação parental constituem excelentes oportunidades para melhorar os níveis de informação bem como as competências educativas parentais.”* Neste sentido, é fundamental tentar compreender os pais, saber ouvi-los, conhecer as suas dúvidas, medos, angústias, reconfortá-los, aconselhá-los e procurar melhorar, de certa forma, as suas competências parentais, o que irá influenciar positivamente a integração da criança.

Como intervenientes no decorrer de todo este processo, as educadoras necessitam de refletir sobre a sua atuação pedagógica durante a adaptação e de aprofundar conhecimentos acerca deste período. Assim, seria pertinente dar-lhes a conhecer

estratégias que facilitassem a adaptação, tornando este processo num momento enriquecedor e equilibrado.

Tendo em conta o diagnóstico das necessidades do contexto educativo onde se realizou o presente estudo, este projeto de intervenção tem os seguintes objetivos:

- Proporcionar aos pais, às educadoras e à coordenadora pedagógica momentos de diálogo e de esclarecimento acerca do processo de adaptação à creche;
- Melhorar a atuação das educadoras no momento da adaptação da criança/ família à creche;
- Valorizar a interação e partilha que deve existir entre os pais, a equipa educativa e a instituição.

7.2. Projeto de Intervenção

O presente projeto pretende contribuir para uma melhoria significativa do processo de integração da criança no contexto de creche, através da proximidade de todos os intervenientes, ou seja, centrando-se na relação educadora/ pais/ instituição.

Este projeto de intervenção pode ser o ponto de partida para inúmeras ações que possibilitem à criança, aos pais e às educadoras a melhoria deste processo.

7.3. Programa de enriquecimento interpessoal

7.3.1. População - alvo

O programa de enriquecimento interpessoal, dirige-se a um grupo de pais com filhos, entre os 4 e os 36 meses, que irão frequentar a valência de creche no início do próximo ano letivo, às educadoras e à coordenadora da Instituição onde se realizou o presente estudo.

7.3.2. Constituição do grupo

Todos os participantes do programa deverão estar empenhados em adquirir e aprofundar conhecimentos relativamente ao período complexo de adaptação à creche e compreender como se processa todo este processo de integração da criança.

O grupo é constituído por pais, educadoras da instituição, independentemente da valência onde estão a exercer a sua prática pedagógica e, uma vez que muitas decisões passam pela coordenação (horários da educadora, número de crianças por sala, entre outras), considerou-se de grande importância a presença da coordenadora pedagógica.

7.3.3. Duração do programa

No programa, são propostas cinco sessões, com a duração de uma hora e meia cada sessão, que decorrerão semanalmente.

Este programa de enriquecimento interpessoal deve ser proposto pela Instituição, cujo objetivo primordial será melhorar a atuação pedagógica das educadoras, durante todo o período de integração da criança e da família na creche, tentando assim dar resposta às necessidades encontradas. O programa também pretende fortalecer os laços interpessoais entre os pais /as educadoras / a coordenadora.

A dinamização das sessões será da responsabilidade de uma psicóloga infantil e de uma educadora de infância com experiência relevante no processo de adaptação à creche.

7.3.4. Objetivos gerais das sessões

- Promover a participação dos pais, educadores e da coordenadora da instituição em sessões de partilha/ esclarecimento;
- Enfatizar a importância da relação educadora/ pais/ instituição;
- Conhecer algumas atitudes e estratégias facilitadoras no processo de adaptação;
- Desenvolver atividades em parceria com a família, a educadora e a coordenadora.

7.3.5. Planificação das sessões

1ª Sessão

Tema: “Quem é quem?”

Local: Sala polivalente da Instituição

Dinamizadores: Educadora de infância e Psicóloga infantil

Objetivos

- Estabelecer relações interpessoais;
- Conhecer as temáticas de cada sessão;
- Expôr as suas necessidades de formação.

Estratégias

- Realização de um jogo de apresentação;
- Apresentação do plano de sessões do Programa de Enriquecimento Interpessoal;
- Comunicação dos princípios de funcionamento do programa.

Recursos materiais

- Novelo de lã; computador e projetor de video.

2ª Sessão

Tema: “Sentimentos Estranhos”

Local: Sala polivalente da Instituição

Dinamizador: Educadora de infância

Objetivos

- Partilhar os seus medos, dúvidas, receios e preocupações relativamente à entrada da criança na creche.

Estratégias

- Registrar e discutir os sentimentos transmitidos pelos pais e pelas educadoras;
- Exploração da história: “As preocupações de Billy”;
- Construir os seus bonecos das preocupações.

Recursos materiais

- Quadro, marcadores, computador, projetor de video, cartolinas, cola, lã e tesouras.

3ª Sessão

Tema: Atitudes e estratégias

Local: Sala polivalente da Instituição

Dinamizadores: Educadora de infância e Psicóloga infantil

Objetivos

- Conhecer atitudes e estratégias que facilitem o período de adaptação à creche;
- Esclarecer dúvidas acerca do processo de adaptação.

Estratégias

- Apresentação de uma comunicação (power point) “Atitudes e estratégias durante o período de adaptação”;
- Discutir e sistematizar as ideias apresentadas.

Recursos materiais

- Computador, projetor de vídeo, quadro e marcadores.

4ª Sessão

Tema: Momentos partilhados

Local: Bebéteca da Instituição

Dinamizadores: Educadoras de infância

Objetivos

- Promover e reforçar a relação entre pais/filhos;
- Compreender a importância do envolvimento da família no processo de adaptação;
- Trabalhar em parceria pais/educadoras e a coordenadora.

Estratégias

- Dinamizar uma sessão de histórias para as crianças, durante a qual as educadoras e os pais participam ativamente.

Recursos materiais

- Acessórios para a dramatização da história; livros de diversos materiais e fantoches.

5ª Sessão

Tema: Sala de creche / Expetativas

Local: Salas de creche

Dinamizadores: Educadora de infância e Psicóloga infantil

Objetivos

- Conhecer o dia- a -dia de uma sala de creche;
- Promover a participação da família no período de adptação da criança.

Estratégias

- Participar em momentos do dia: alimentação, higiene, brincadeiras...
- Interação pais/ criança/ educadora;
- Partilha de expetativas.

Recursos materiais

- Quadro, marcadores e todos os materiais existentes nas salas de creche.

7.3.6. Avaliação das sessões

No final do programa é feito o balanço de todas as sessões. Assim, todos os participantes devem preencher uma grelha de avaliação (cf. Apêndice III), na qual podem deixar o seu comentário ou sugestão, relativamente à forma como decorreram as sessões, aos conteúdos abordados e aos conhecimentos adquiridos. Através desta apreciação podemos avaliar o programa e verificar se este foi ao encontro das expetativas de todos os participantes.

Considerações Gerais

A problemática abordada no presente estudo revelou-se bastante pertinente, visto ser crucial refletir sobre o período de adaptação da criança à creche. Sendo este um processo difícil e complexo, o papel de todos os intervenientes: criança, família, equipa educativa e instituição é fulcral para que este período decorra da melhor forma.

Neste processo foi importante conhecer como é efetuada a adaptação da criança/família à creche, conhecer a opinião do educador relativamente aos fatores que podem condicionar este período, identificar o seu papel durante esse processo, auscultar as famílias sobre a forma como decorreu a adaptação, bem como conhecer a atuação das famílias, da equipa educativa e da instituição neste processo que é a adaptação da criança/família à creche.

Através da pesquisa bibliográfica realizada foi possível caracterizar a situação ideal. Tendo como objetivo a caracterização da situação real na creche em estudo foram construídos questionários que, posteriormente, se aplicaram aos participantes nesta investigação.

Após a análise dos questionários aplicados aos pais e educadoras foi possível concluir que a maior parte dos pais inquiridos considera que a adaptação da criança correspondeu às suas expectativas. No entanto, há que ter em conta algumas situações em que alguns pais referem que (...) criança chora durante os primeiros dias e resiste em ficar na creche, agarrando os pais; (...) crianças não têm oportunidade de se despedirem dos pais e manifestam o seu desagrado pelo facto da equipa educativa que acompanha a criança não se manter durante todo o período de permanência da criança na creche.

O momento do acolhimento também é referido por alguns pais por considerarem que não oferece um ambiente calmo, pois estão no mesmo grupo crianças de diferentes faixas etárias (2 aos 6 anos).

Na opinião de algumas educadoras os pais transmitem a sua insegurança e preocupação à criança, por isso não permitem a presença dos pais na sala, durante a adaptação da criança. As conversas diárias com os pais são utilizadas como estratégia facilitadora do processo e não consideram de extrema importância refletir com especialistas sobre o processo de adaptação.

A interpretação efetuada aos resultados obtidos conduziu-nos à deteção de algumas necessidades tais como o reforço da relação entre os pais e as educadoras, o

envolvimento da coordenação da Instituição em soluções facilitadoras da adaptação, e que contemplem as fragilidades apontadas e o desenvolvimento do conhecimento das educadoras sobre a temática da adaptação à creche.

Esta aposta num trabalho em parceria com as famílias, os educadores e a coordenação irá contribuir para um período de adaptação equilibrado e harmonioso. Como defende Brazelton (1984) é fundamental o fortalecimento das relações pais/educadores. A mesma opinião é partilhada por Portugal (1998:127) *“trabalhar com os pais parece ser a melhor estratégia para a promoção do bem estar e desenvolvimento da criança, dada a relação de maior intimidade e envolvimento com as mesmas e conhecimento da individualidade...”*

Tendo em conta esta perspetiva, delineámos um plano de ação que visa melhorar o processo de adaptação à creche, no sentido de satisfazer as expetativas de todos os intervenientes.

Este plano pretende analisar e refletir sobre alguns receios, medos, angústias e frustrações com que os intervenientes no processo de adaptação se deparam, sendo para isso fundamental compreender pais/equipa educativa/instituição, conhecer as suas dúvidas, dar-lhes informação, aconselhá-los e procurar valorizar a interação e partilha que deve existir, o que irá influenciar positivamente a integração de todos.

De acordo com o plano de ação foi estruturado um programa de enriquecimento interpessoal, cujo objetivo fulcral será apoiar a criança e a família durante o processo de adaptação.

Como profissional de educação considero que este trabalho contribuiu bastante para refletir acerca da minha atuação pedagógica, o que futuramente me irá ajudar a ultrapassar as minhas dificuldades neste processo e também as das crianças e dos pais.

Devido ao tempo previsto para a elaboração deste projeto não foi possível implementar o programa de enriquecimento interpessoal. No entanto considero que, futuramente, será uma mais valia propôr à instituição a concretização do mesmo, tentando assim dar resposta às necessidades encontradas, fortalecendo os laços interpessoais entre os pais/as educadoras/a instituição.

Referências Bibliográficas

- ✚ AINSWORTH, M.D.S., & BOWLBY, J. (1992). *An ethological approach to personality development*. American Psychocologist, 46, 333-341.
- ✚ AGUIAR, C., BAIRRÃO, J., & BARROS, S. (2002). Contributos para o estudo da qualidade em contexto de creche na Área Metropolitana do Porto. *Infância e Educação: Investigação e Práticas*, 5, 7-28.
- ✚ BAIRRÃO, J. (1998). O que é a qualidade em Educação Pré-Escolar? In Ministério da Educação (Ed.), *Qualidade e Projecto na Educação Pré-Escolar* (pp. 43-88). Lisboa: Ministério da Educação – Departamento da Educação Básica. Gabinete para a Expansão e Desenvolvimento da Educação Pré-Escolar.
- ✚ BARDIN, L. (1991). *Análise de Conteúdo*. Lisboa: Edições 70.
- ✚ BELL, J. (2004). *Como realizar um projecto de investigação* (3ª ed.). Lisboa: Editora Gradiva.
- ✚ BRAZELTON, T. (1984). Cementing family relationships. In L. L. Dittmann (ed), *The infants we care for*. Washington: National Association for the Education of Young Child.
- ✚ BRAZELTON, T. (1988). *O Desenvolvimento Do Apego, Uma Família Em Formação*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- ✚ CAMPENHOUDT, Q. (1998). *Manual de investigação em ciências sociais*.(2ª ed.) Lisboa: Gradiva.
- ✚ COUTINHO, M. (2004). *Análise psicológica*, 22 (1):55-64.
- ✚ ERIKSON, E. (1976). *Infância e Sociedade*. Ciências da Educação. Rio de Janeiro.

- ✚ FIGUEIRA, M. (1998). *Ser Educadora na Creche*. Cadernos de Educação de Infância, 48:69-70.

- ✚ FUENTES, M. T. (2004). Atención temprana y alteraciones da la vinculación afectiva. In J. Pérez-López e A. Nuez (coords.), *Manual de Atención Temprana* (pp.311-329). Madrid: Ediciones Pirámide.

- ✚ GONZALEZ-MENA, J. & EYER, D. (1989). *Infants, toddlers and caregivers*. Mountain View. CA: Mayfield Publishing Company.

- ✚ GRANGER, M. (1976). *Guia para a montagem e o funcionamento de uma creche*. Moraes Editor.

- ✚ GRAUE, E.; WALSH, D. *Investigação Etnográfica com crianças: Teorias, métodos e ética*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2003.

- ✚ HARMS, T., CRYER, D., & CLIFFORD, R. M. (1990). *Infant/toddler Environment Rating Scale*. New York: Teachers College Pres.

- ✚ KLEIN, H. A. (1991) Temperament and childhood group care adjustment: A cross-cultural comparison. *Early Childhood Research Quarterly*, 6, 211-224.

- ✚ LE BOULCH (1982). *O Desenvolvimento Psicomotor: do nascimento até aos 6 anos*. (4ªed.). Porto Alegre: Artes Médicas.

- ✚ MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO (1997). *Orientações Curriculares para a Educação Pré-escolar*. Lisboa: Editorial Ministério da Educação.

- ✚ MARCHÃO, A. J. (2003). *Práticas educativas na creche*. Cadernos de Educação de Infância, 66:14-17.

- ✚ OLIVEIRA, J.H.B. (2002). *Psicologia da família*. Lisboa: Universidade Aberta.

- ✚ PORTUGAL, G. (1990). *Família: em que medida é responsável pelo desenvolvimento da criança*. Revista ESES, 2.

- ✚ PORTUGAL, G. (1998). *Crianças, Famílias e Creches - Uma abordagem ecológica da adaptação do bebé à creche*. Porto: Porto Editora.

- ✚ PORTUGAL, G. (1998). O processo de separação/adaptação à creche. *Cadernos de Educação de Infância*, 48: 64-68.

- ✚ PORTUGAL, G. (1998). *Qualidade da creche e organização do espaço físico-materiais e equipamentos*. *Cadernos de Educação de Infância*, 48: 69-70.

- ✚ PORTUGAL, G. (2000). Educação de bebés em creche: Perspectivas de formação teóricas e práticas. *Infância e Educação Investigação e Práticas – Grupo de Estudos para o Desenvolvimento da Educação de Infância*, 1, Janeiro, 85-106.

- ✚ POST, J., HOHMANN, M., (2003). *Educação de bebés em infantários – Cuidados e primeiras aprendizagens*. Lisboa, Ed. Fundação Calouste Gulbenkian.

- ✚ QUIVY, R. (2003). *Manual de investigação em ciências sociais* (3ª ed.). Lisboa: Gradiva.

- ✚ RODD (1996). *Crianças, cultura e educação*. Educação infantil. Vol. 72. Edição especial.

- ✚ ROLDÃO, M.C. (1994). *O pensamento concreto da criança – Uma perspectiva do currículo a questionar*. Lisboa: Instituto de Inovação Educacional.

- ✚ SAMPAIO, DANIEL (1994). *Inventem-se novos pais*. Lisboa: Caminho.

- ✚ SANTOS (2004). *Desenvolvimento pessoal e social*. *Cadernos de Educação de Infância*, 70.

- ✚ SANTOS, A. (1995). Pais & Filhos, 53:68.

- ✚ SCHAFFER, H. R. (1971). *The growth of sociability*. London: Penguin Books.

- ✚ SILVA (sd). Creche como facilitar a integração. Coisas de criança.

- ✚ SPODEK, B. & SARACHO, O. N. (1998). *Ensinando Crianças de Três a oito anos*. Porto Alegre: Artemed.
- ✚ VITÓRIA, T. & ROSSETTI-FERREIRA, M.C (1993). *Processos de adaptação na creche*. Cadernos de Pesquisa, 86: 55-64.
- ✚ WALLON, HENRI. (1979). *Do acto ao pensamento: ensaio de psicologia comparada*. Psicologia e pedagogia (vol.98). Lisboa: Moraes.
- ✚ WINNICOTT, DONALD W. (1988). *O ambiente e os processos de maturação: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- ✚ ZABALZA, M. (1998). *Qualidade em Educação Infantil*. Porto Alegre: ArtMed.

Referências Webgráficas

- ✚ CAMPOS, C. (2004). *Método de análise de conteúdo: ferramenta para a análise de dados qualitativos*. Rev Bras Enferm, Brasília (DF) 2004 set/out;57(5):611-4. Consultado a 17 de fevereiro de 2014 de <http://www.scielo.br/pdf/reben/v57n5/a19v57n5.pdf>
- ✚ FONTAINE, A. (1986). *Práticas educativas de mães portuguesas. Diferenças em função do nível socioeconómico e da zona de residência da família*. Análise Social, vol. XXII (92-93), 3.º- 4.º, 795-811. Consultado a 25 de janeiro de 2014 de <http://analisesocial.ics.ul.pt/documentos/1223553542C2qBA5pd6Od2ORI3.pdf>
- ✚ LEGISLAÇÃO. Portaria n.º 262/2011. Estabelece as normas reguladoras das condições de instalação e funcionamento das creches. Diário da República, 1.ª série- n.º 167- de 31 de Agosto de 2011. https://www.google.pt/?gfe_rd=cr&ei=K2N9U_XMOcHe8get24D4Ag#q=portaria+n%C2%BA262%2F2011
- ✚ MANUAL DE PROCESSOS-CHAVE CRECHE (2010). Lisboa: Instituto da Segurança Social, I.P. Consultado a 15 de Fevereiro de 2014 de http://www4.seg-social.pt/documents/10152/13337/gqrs_creche_processos-chave
- ✚ PRIOSTE, CRUZ E NARCISO (2010). *Circularidade Relacional: Padrões De Funcionalidade Familiar Percebidos e o Ajustamento Psicológico Em Adolescentes*. PSYCHOLOGICA 52 – Vol. 1, 447-467. Consultado a 23 de Janeiro de 2014 de <file:///C:/Users/usario/Downloads/1008-3169-1-PB.pdf>
- ✚ RUTTER, M. (1972). *Maternal deprivation reassessed*. London: Penguin Books. Consultado a 05 de Janeiro de 2014 de http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_nlinks&ref=000150&pid=S01027972200900010001500037&lng=en

Apêndices

Apêndice I

Questionário aos pais

Apêndice II

Questionário às educadoras

Apêndice III

Grelha de avaliação do Programa de Enriquecimento Interpessoal